

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE TEOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

GRAZIELA MARIA WOLFART

**Sobre o mistério do mal**  
Olhares do Cinema e da Teologia sobre as raízes do mal moral

Porto Alegre  
2016

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE TEOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

GRAZIELA MARIA WOLFART

## **Sobre o mistério do mal**

**Olhares do Cinema e da Teologia sobre as raízes do mal moral**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Urbano Zilles

Porto Alegre  
2016

**W855s**

Wolfart, Graziela Maria

Sobre o mistério do mal: olhares do cinema e da teologia sobre as raízes do mal moral. / Graziela Maria Wolfart. – Porto Alegre, 2016.

52 f.

Dissertação (Mestrado em Teologia) Programa de Pós-Graduação em Teologia – Faculdade de Teologia, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Urbano Zilles

1. Teologia. 2. Teodicéia. 3. Bem e Mal. 4. Cinema. I. Zilles, Urbano. II. Título.

**CDD 231.8**

**Ficha elaborada pela bibliotecária Anamaria Ferreira CRB 10/1494**

**GRAZIELA MARIA WOLFART**

**"O MISTÉRIO DO MAL. OLHARES DO CINEMA E DA TEOLOGIA SOBRE AS  
RAÍZES DO MAL MORAL"**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Aprovada em 18 de março de 2016, pela Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA:



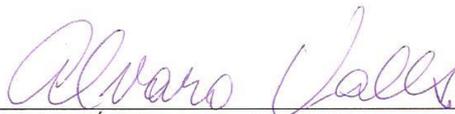
---

Prof. Dr. Urbano Zilles  
(Orientador - PPGTeo/PUCRS)



---

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin  
(PPGTeo/PUCRS)



---

Prof. Dr. Alvaro Luiz Montenegro Valls  
(UNISINOS)

Porto Alegre  
2016

*“O mistério do mal é maior prova à fé e a mais maciça lógica  
para o cinismo e o ateísmo”*

Luiz Carlos Susin

## **AGRADECIMENTOS**

*Agradeço a Deus, em primeiro lugar, que por seu imenso amor e bondade, concedeu-me a vida e a inteligência para, inclusive, refletir racionalmente sobre a contradição entre a presença do mal no mundo e a bondade divina;*

*Agradeço à minha família: meus pais, meu irmão, meu marido e minha filha, que me mostram o quanto a bondade sempre prevalece;*

*Agradeço ao meu querido orientador, Prof. Dr. Urbano Zilles, que sempre me encorajou e ensinou sobre a bondade e o amor de Deus, não somente em palavras, mas principalmente por seu testemunho de fé;*

*Agradeço aos colegas e amigos da Diocese de Montenegro, principalmente a alguns padres com os quais conversava muito sobre o tema desta pesquisa;*

*Agradeço aos colegas do mestrado em Teologia, que souberam conviver com uma jornalista questionadora e sempre me ajudavam quando o alicerce da graduação em Teologia/Filosofia faltava.*

*Agradeço à coordenação da pós-graduação em Teologia, especialmente ao Prof. Dr. Leomar Brustolin, pela acolhida de uma jornalista mulher em um ambiente massivamente masculino e clerical, o que demonstra a pluralidade e a abertura da reflexão teológica da PUCRS;*

*Agradeço à Capes, fomentadora desta pesquisa.*

## RESUMO

A presente pesquisa busca oferecer uma contribuição à reflexão sobre o mistério do mal, considerando a contradição entre a bondade da criação divina e a presença do mal no mundo. Cientes de que não encontraremos resposta definitiva a esta questão que desde o início dos tempos assola a humanidade, propomos um debate a partir da relação entre Cinema e Teologia. Para tanto, serão utilizados como recurso a consulta a dois filmes e a dois excertos teológicos que podem contribuir para tal reflexão. Os filmes escolhidos são “Melancolia” e “Anticristo”, de Lars Von Trier. Sob o viés da Teologia, se buscará inspiração na frase final da oração do Pai Nosso: “livrai-nos do mal”; e no trecho da Carta de São Paulo aos Romanos (Rm 7,19): “Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse faço”.

**Palavras-chave:** Mal, Bem, Cinema, Teologia, Teodicéia.

## ABSTRACT

This research tries to offer a contribution to the debate about the mystery of the evil, considering the contradiction between the goodness of the divine creation and the presence of the evil in the world. Aware that we cannot find a final answer to that question, that since the beginning of the times plagues the humanity, we propose a debate starting of the relation between Cinema and Theology. Therefore, will be used as a resource the query of two movies and two theological excerpts that can contribute to this debate. The chosen films are “Melancholia” and “Antichrist”, of Lars Von Trier. Under the theological point of view, will seek inspiration in the final phrase of the Our Father (prayer): “deliver us from evil”; and in the stretch of the Saint Paul’s Letter to the Romans (Rm 7,19): “For I do not do the good I want, but the evil I do not want is what I keep on doing.”.

**Key-words:** Evil, Good, Cinema, Theology, Theodicy.

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | 7  |
| <b>1 A EXPERIÊNCIA DO MAL NA VIDA COTIDIANA</b> .....  | 10 |
| <b>2. O MAL MORAL NO CINEMA DE LARS VON TRIER</b> .....  | 17 |
| 2.1 A linguagem cinematográfica .....  | 17 |
| 2.2 A característica da obra de Lars von Trier .....   | 21 |
| 2.3 O enredo e a concepção “teológica” de Melancolia e Anticristo. ....                                  | 22 |
| 2.3.1 Melancolia.....  | 23 |
| 2.3.2 Anticristo .....   | 28 |
| 2. 3. 3 Análise das obras .....  | 31 |
| <b>3. O TEMA DO MAL MORAL NA TEOLOGIA</b> .....  | 35 |
| 3.1 Jesus e o mal: o Pai-Nosso e outras passagens do Novo Testamento em que Cristo se refere ao mal..... | 35 |
| 3.2 Paulo e a Carta aos Romanos: o mal como o pecado. ....   | 39 |
| 3.3 O problema do mal em Santo Agostinho – o mal moral e a contradição com Deus.....                     | 40 |
| 3.4 O mal que se historiciza: o diabólico dentro da história da Teologia.....                            | 43 |
| <b>CONCLUSÃO</b> .....   | 48 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....   | 50 |

## INTRODUÇÃO

O mal está na essência do ser humano? Já nascemos com a capacidade de praticar o mal, assim como o bem? O que explica a prática da maldade se as instituições (escola, família, Igreja) doutrinam as pessoas para a prática ética e cristã do bem ao próximo?

A partir da corrente teórica da Teodicéia<sup>1</sup>, pretende-se com esta pesquisa buscar uma melhor compreensão sobre as raízes e as motivações da maldade humana. O cuidado que teremos é no sentido de apontar o mal como oposição ao bem, ou até mesmo como a ausência do bem, sem personalizar o mal. Para tanto, serão utilizados como recurso a consulta a dois filmes e a dois excertos teológicos que podem contribuir para tal reflexão. Os filmes escolhidos são “Melancolia” e “Anticristo”, de Lars Von Trier. Sob o viés da Teologia, se buscará inspiração na frase final da oração do Pai Nosso: “livrai-nos do mal”, por acreditarmos que Jesus, quando ensinou esta oração, referia-se não ao mal externo, mas ao mal que mora dentro de cada um e de cada uma; e no trecho da Carta de São Paulo aos Romanos (Rm 7,19): “Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse faço”.

Deste modo, buscar-se-á responder à pergunta: como se expressa o mal na vida humana? E então serão buscadas respostas na Teologia e no cinema. No primeiro caso, a partir da antropologia bíblica, poderá se fazer uma relação entre pecado, mal moral e a contradição com Deus e Sua vontade. Em seguida, no campo da exegese bíblica, é importante abordar o conceito de mal em cada caso escolhido para a pesquisa. Outro caminho será buscar uma correspondência entre o mal da Bíblia e do cinema, respeitando os recortes da pesquisa. Para tanto, será fundamental tratar da linguagem cinematográfica, citando autores que a fundamentam. O importante é partirmos da concepção de que “o mal de fato não é; ele não possui outra posição senão a de ‘privação do

---

<sup>1</sup> A teodiceia consiste na tentativa de expressar, sem contradição e com coerência, tais afirmações: Deus é todo poderoso; Deus é absolutamente bom; contudo, o mal existe.

bem'; ele é a ausência do que deveria ser; e, do não-ser, Deus não poderia ser a causa"<sup>2</sup>. É uma possibilidade da ação livre do homem.

Antes de mais nada, é preciso deixar claro que neste trabalho, sempre que utilizarmos o conceito de mal, estaremos falando do mal moral cometido, ou seja, o pecado, para usar o termo religioso. Segundo Jean-Yves Lacoste, "o conceito de mal moral diz respeito ao domínio da ação; ele pressupõe que o mal não tem um estatuto ôntico, mas situa-se no domínio do acontecimento"<sup>3</sup>.

O trabalho poderá contribuir com sua relevância para o debate pastoral e espiritual. Além disso, a própria área da Comunicação e do cinema poderão refletir sobre o tema do mal e como ele é retratado no chamado cinema "cult".

Como alguém advinda da área da Comunicação, reconheço a importância da Linguagem como ferramenta de expressão e propagação de todo o qualquer tipo de mensagem, inclusive – e especialmente aqui, em nosso caso – a teológica.

Dentre as razões teológicas e/ou pastorais que justificam a abordagem do tema, podemos afirmar que a capacidade humana de praticar o mal intriga filósofos e teólogos desde o início dos tempos, sendo que as religiões buscam respostas para este grande desafio. Afinal, como diz Paul Ricoeur (1988),

Que a filosofia e a teologia consideram o mal como um desafio sem igual, os maiores pensadores, em uma ou outra disciplina, concordam em confessá-lo, por vezes com grande alarde. O importante não é esta confissão, mas o modo pelo qual o desafio, e até mesmo o fracasso, é recebido: seria um convite a pensar menos ou uma provocação a pensar mais, ou até mesmo a pensar diferentemente?<sup>4</sup>

No entanto, temos consciência de que não encontraremos uma resposta definitiva para o grande dilema do mal. Apenas poderemos trazer um novo olhar a partir da aproximação entre Cinema e Teologia, que ajudem na reflexão para uma melhor compreensão do tema. O fato é que o mal é um obstáculo, mas não

---

<sup>2</sup> LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2004, p. 1076.

<sup>3</sup> LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2004, p. 1079.

<sup>4</sup> RICOEUR, Paul. *O mal. Um desafio à filosofia e à teologia*. Campinas: Papirus, 1988, p. 21.

determinante, em nossa busca de Deus. Deus é nossa meta e o mal é uma pedra neste caminho. Para removê-la, precisamos ter o olhar da fé.

## 1 A EXPERIÊNCIA DO MAL NA VIDA COTIDIANA

Qual é a posição que ocupa o mal em nossa imagem de mundo? Quando observamos um fenômeno, julgamos um comportamento, valorizamos ou não uma ação, vemos um quadro, o que é e o que nos faz utilizar o conceito de mal ou, de outra maneira, nos faz manifestar determinados sentimentos de agrado ou de desagrado, de afinidade ou de repulsa? Se muitas vezes o mal nos acompanha em nossa representação das coisas, ele o faz em função da existência que atribuímos a elas segundo aquilo que, frequentemente, estimamos digno de ser valorizado. Se o mal é, de certa forma, um acompanhante de nossas representações e concepções das coisas, onde ancorá-lo? Onde colocar o “retrato” que, com ele, fazemos delas?<sup>5</sup>

“E viu Deus todas as coisas que tinha feito, e eram muito boas”<sup>6</sup>. A frase do Livro do Gênesis nos leva a uma das mais intrigantes reflexões filosóficas e teológicas de todos os tempos. Por mais que saibamos e que nossa fé renove em nossos corações a certeza da bondade de Deus e de toda sua criação, não podemos negar a existência do seu oposto, ou seja, do mal. Mesmo que filosoficamente defendamos que o mal enquanto substância não existe – veremos isso adiante – é indiscutível que seus efeitos gritam e fazem perecer a perfeita e bondosa criação divina.

O pensamento moderno não hesita em admitir que o mal existe, e se exime de questionar se essa “existência” é ou não dotada de um ser. E é num quadro moderno, o da teodiceia, que ele abordará o seu problema. (...) E pode-se afirmar com consistência que um Deus bom e onipotente criou este mundo no qual existe o mal? Deus deve ser absolvido no processo que lhe movem os homens, responde Leibniz, porque o mundo tal como é constitui o melhor dos mundos possíveis; nele o mal não é irreal, seja como *mal metafísico* (a limitação inerente ao criado), como *mal físico* ou como *mal moral*, mas é aí necessário à promoção do maior bem criado possível. Deus teria podido criar um mundo no qual o mal estivesse ausente; e um mundo desse tipo seria menos perfeito do que o nosso, em que somos livres para desejar o mal, mas também para querer o bem<sup>7</sup>.

O que buscamos inicialmente é entender como ele se expressa na vida humana. Podemos reconhecer o mal, mas não conhecê-lo. Estando diante da manifestação do mal, podemos aceitá-lo ou rejeitá-lo, o que não significa que ele não seja real. Significa apenas que é um mistério. Ou, como Denis Rosenfield

<sup>5</sup> ROSENFELD, Denis. *Retratos do Mal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 33.

<sup>6</sup> Gên 1, 31a. In: *Bíblia Sagrada*. Tradução do Pe. Antônio Pereira de Figueiredo. Erechim: Edelbra Editora, 1979.

<sup>7</sup> LACOSTE, Jean-Yves. Dicionário crítico de Teologia. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2004, p. 1077.

se refere aos “comportamentos do homem”, ao abordar a relação entre o mal e o existente, não se referindo ao que não é da essência humana, “mas de sua forma mesma de mostraçãõ, do que lá se revela de essencial, o mal como sendo uma forma sua de ser ou de existênciã”<sup>8</sup>.

Deus criou o homem para ser bom, mas ele pode ser mau e fazer o mal se quiser, porque é livre. Deste modo, o homem tem as condições de receber o mérito por ser bom. Como ele poderia ser culpado por algo se não fosse um ser livre para escolher seus atos? Assim, podemos também partir do pressuposto da corrupção em que o mal seria o bem que se corrompeu.

Nada mais contemporâneo do que falar do mal. Vivemos em uma sociedade marcada pelo egoísmo, pelo individualismo, pela autonomia e pela ausência de sentido para a vida. As novas gerações têm em mãos grandes ferramentas da era digital, grandes holofotes e megafones intermediados pela internet, onde o que mais se vê são disseminações escancaradas de ódio. E o pior: que recebem aplausos. Como entender que esse sentimento tão negativo possa brotar do coração de “seres feitos à imagem e semelhança de Deus”<sup>9</sup>, que é sinônimo de amor e bondade?

Na ocasião em que elaboramos a presente pesquisa, a conjuntura internacional reflete um cenário conturbado por guerras, mortes e atentados terroristas protagonizados por uma organizaçãõ intitulada como “Estado Islâmico”. O pior é que seus membros tiram a vida de outros seres humanos em nome de Deus, atingindo o auge da intolerância religiosa.

Nesse sentido, incomoda o que Hannah Arendt chama de banalidade do mal<sup>10</sup>, aquela que se instala na ausência do pensamento e que ela percebeu no julgamento de Eichmann<sup>11</sup>, em Jerusalém. Incomoda saber que os homens e

---

<sup>8</sup> ROSENFELD, Denis. *Retratos do Mal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 33.

<sup>9</sup> "Então Deus disse: 'Façamos o homem à nossa imagem e semelhança'" (Gn 1, 26a)

<sup>10</sup> ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

<sup>11</sup> Adolf Otto Eichmann (1906-1962): político da Alemanha Nazi e tenente-coronel da SS. Foi responsabilizado pela logística de extermínio de milhões de pessoas no final da Segunda Guerra Mundial - a chamada de "soluçaõ final" (Endlösung) - organizando a identificaçãõ e o transporte de pessoas para

mulheres de nosso tempo, simplesmente pela falta de reflexão, são capazes de reproduzir o ódio, a maldade, a monstruosidade, sem sequer parar para pensar nas consequências deste ato. E a internet contribui para aumentar as proporções de tal cenário.

Em artigo publicado na versão brasileira do jornal *El País*, a colunista Eliane Brum percebe a existência de uma “boçalidade do mal”, parafraseando Arendt. Ela explica:

A boçalidade do mal (...) é um fenômeno gerado pela experiência da internet. Ou pelo menos ligado a ela. Desde que as redes sociais abriram a possibilidade de que cada um expressasse livremente, digamos, o seu “eu mais profundo”, a sua “verdade mais intrínseca”, descobrimos a extensão da cloaca humana. (...). Descobrimos o que cada um de fato pensa sem nenhuma mediação ou freio. E descobrimos que a barbárie íntima e cotidiana sempre esteve lá, aqui, para além do que podíamos supor (...) <sup>12</sup>.

Para Brum, a capacidade de crueldade está travestida de liberdade de expressão, na qual seus autores possuem orgulho de seu ódio:

Com frequência reivindicam uma condição de “cidadãos de bem” como justificativa para cometer todo o tipo de maldade, assim como para exercer com desenvoltura seu racismo, sua coleção de preconceitos e sua abissal intolerância com qualquer diferença. (...) O direito ao ódio e à eliminação do outro mostrou-se soberano: aquele que é diferente de mim, eu mato. Ou delete. Simbolicamente, no geral; fisicamente com frequência assustadora.

E a colunista vai além, aonde justamente queremos chegar: “ao permitir que cada indivíduo se mostrasse sem marcas, sem amarras sociais, a internet arrancou da humanidade a ilusão sobre si mesma”. Não somos monstros, mas “ordinariamente humanos”. Ou seja, essa capacidade de fomentar o ódio e a prática do mal está dentro de cada um de nós como possibilidade.

O mal vive em nosso meio, em nossas cidades, em nossas famílias e círculos de amigos. E o que mais intriga e motiva esta pesquisa, é o mal cometido

---

os diferentes campos de concentração, sendo por isso conhecido frequentemente como o executor-chefe do Terceiro Reich. (Fonte: Wikipédia / Acesso em 29 de novembro de 2015).

<sup>12</sup> A BOÇALIDADE DO MAL. Guido Mantega e a autorização para deletar a diferença. Artigo de Eliane Brum, publicado no *El País Brasil*, de 02 de março de 2015.

de forma planejada, calculada, elaborada de modo racional. Assim, nos valem das palavras de Luiz Carlos Susin (2003):

O mal, em sua acepção mais nua e crua, não é da ordem do problema que se pode resolver. Escapa da esfera da ciência, pertence à ordem do mistério. Ganha a configuração de uma monstruosa alteridade, alguém sem face e sem palavra. Embora com sentido distinto da maravilha, da felicidade, da gratuidade, tem a mesma estrutura: é sem causa. Contudo, é especialmente sem sentido, é absurdo<sup>13</sup>.

Ao acompanharmos o noticiário de qualquer lugar do mundo não faltam exemplos de seres humanos criados pelo amor de Deus e que não veem valor algum na própria vida e na vida do outro. Como conceber que Deus, pleno amor, criou indivíduos capazes de cometer atrocidades como assassinatos premeditados, onde os corpos dos cadáveres são cortados em pedaços e colocados em malas, em buracos na terra ou até mesmo na geladeira de casa? Como um Deus que é puro amor cria sujeitos capazes de violentar sexualmente crianças? Estes questionamentos seguem sem resposta. O que sabemos e veremos mais adiante é que essa capacidade de praticar o mal é algo inato, não se ensina, vem do íntimo de cada ser humano, já nasce com ele.

Denis Rosenfield (2003) alerta para a questão do ponto de vista em relação ao julgamento de determinada ação como “má”. Exemplos como o do genocídio nazista ou do totalitarismo soviético são apontados por ele como uma “vontade de outro tipo” ou uma “vontade maligna”, que acabam comprometendo – por meio de formas particulares de violência – a vida humana propriamente dita.

O mal, na acepção prática da malignidade, veicula uma negação do que era até então tido como um comportamento não apenas virtuoso, mas regado do ponto de vista jurídico-político, destruindo, pela violência, os próprios alicerces, os pontos de referência, da ação humana<sup>14</sup>.

Ainda para Rosenfield (2003), podemos nos perguntar pelo ser desses atos em si mesmos, pela sua natureza própria, e, nessa perspectiva,

o mal não seria somente uma forma de não-ser, mas de ser, na medida em que este é dado por uma forma de ação, por um tipo de vontade, cuja intenção, cujo projeto, é “maligno”, ou seja, visa, enquanto tal, à

---

<sup>13</sup> SUSIN, Luiz Carlos. *A criação de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 120.

<sup>14</sup> ROSENFELD, Denis. *Retratos do Mal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 46.

violência pela violência, almejando outros pontos de referência que não sejam os da vida humana propriamente dita<sup>15</sup>.

A origem deste mal viria da queda no Jardim do Éden, cometida por nossos primeiros pais, Adão e Eva. Em nosso permanente caminho para Deus, o mal seria uma desordem que surgiu em função do pecado.

Mas se Deus viu que tudo o que havia feito era bom, o que fazia a serpente no Jardim do Éden? “É de saber que a serpente era o mais astuto de todos os animais da terra, que Deus tinha feito<sup>16</sup>”.

Segundo o Rev. Derek Kidner (1979), que comenta a obra “Gênesis”,

no versículo 1º, a “serpente” é explicitamente produto das mãos de Deus, sutil (sagaz) como é (pois o sentido predominantemente de sutil é prudente), e o capítulo fala, não do mal invadindo, como se tivesse existência própria, mas de criaturas entrando em rebelião. Seu malévolo brilhantismo levanta a questão, não investigada ali, se ela é instrumento de um rebelde mais temível. (...) Mas Eva não esteve necessariamente sob seu jugo. A tentação que sofreu veio-lhe por meio de um subordinado, o qual reforçou seu apelo para o orgulho, mas não trouxe consigo nenhuma coação<sup>17</sup>.

Na mesma obra, Kidner (1979, p. 66) defende que somente o Novo Testamento desmascarará o vulto de Satanás por trás da serpente, citando Rm 16:20<sup>18</sup> e Ap 12:9<sup>19</sup> e 20:2<sup>20</sup>.

Deus então não é onisciente, nem todo-poderoso?. Nesse sentido, podemos nos valer do dilema que Epicuro nos apresenta:

“Deus ou quer impedir os males e não pode, ou pode e não quer, ou não quer nem pode, ou quer e pode. Se quer e não pode é impotente: o que é impossível em Deus. Se pode e não quer, é invejoso: o que, do mesmo modo, é contrário a Deus. Se nem quer nem pode, é invejoso e impotente: portanto, nem sequer é Deus. Se pode e quer, o que é a única coisa compatível com Deus, donde provém então a existência dos males? Por que razão é que não os impede?”.<sup>21</sup>

<sup>15</sup> ROSENFELD, Denis. Retratos do Mal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 46.

<sup>16</sup> Gên 3, 1a. In: Bíblia Sagrada. Tradução do Pe. Antônio Pereira de Figueiredo. Erechim: Edelbra Editora, 1979.

<sup>17</sup> *Gênesis*. Introdução e comentário por Rev. Derek Kidner, M.A. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1979, p. 63.

<sup>18</sup> “O Deus da paz em breve não tardará a esmagar Satanás debaixo dos vossos pés”.

<sup>19</sup> “Foi então precipitado o grande Dragão, a primitiva Serpente, chamado Demônio e Satanás, o sedutor do mundo inteiro”.

<sup>20</sup> “Ele apanhou o Dragão, a primitiva Serpente, que é o Demônio e Satanás, e o acorrentou por mil anos”.

<sup>21</sup> EPICURO. Antologia de Textos. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Coleção “Os Pensadores”, vl. V, p. 28.

Ainda sobre a questão da serpente e da incitação à queda de Adão e Eva, Luiz Carlos Susin (2003) propõe uma saída que vislumbra uma “dupla face pedagógica de Deus”:

A serpente parece ser melhor do que o Deus que coloca um limite que veta o conhecimento. Não seria a serpente a “outra face” de Deus, um Deus que convoca a se arriscar e a se transcender em direção à maturidade representada pela sabedoria mais alta, a saber discernir o bem e o mal, como Deus?<sup>22</sup>

A serpente pode ser considerada a própria face criativa de Deus, que aparece em dupla face, como limitador e sedutor ao mesmo tempo, obrigando a assumir a responsabilidade – a culpa – para ser humano, por meio do conhecimento ético, do discernimento do bem e do mal, conhecendo a realidade em sua nudez e crescendo através dela. Dessa forma, o ser humano realiza a semelhança com Deus, embora no paradoxo de sua finitude, da mortalidade e da fadiga de ser humano<sup>23</sup>.

A própria Igreja reconhece a inclinação natural dos seres humanos ao mal, em um dos principais documentos do Concílio Vaticano II, a *Gaudium et Spes*, no número 25, conforme podemos constatar:

Não se pode negar que os homens são muitas vezes afastados do bem ou impelidos ao mal pelas condições em que vivem e estão mergulhados desde a infância. É certo que as perturbações tão frequentes da ordem social vêm, em grande parte, das tensões existentes no seio das formas econômicas, políticas e sociais. Mas, mais profundamente, nascem do egoísmo e do orgulho dos homens, os quais também pervertem o ambiente social. Onde a ordem das coisas se encontra viciada pelas consequências do pecado, o homem, nascido com uma inclinação para o mal, encontra novos incitamentos para o pecado, que não pode superar sem grandes esforços e ajudado pela graça.

Ou conforme podemos verificar com ainda mais propriedade, no número 13 da mesma Constituição Pastoral:

Estabelecido por Deus num estado de santidade, o homem, seduzido pelo maligno, logo no começo da sua história abusou da própria liberdade, levantando-se contra Deus e desejando alcançar o seu fim fora d'Ele. Tendo conhecido a Deus, não lhe prestou a glória a Ele devida, mas o seu coração insensato obscureceu-se e ele serviu à criatura, preferindo-a ao Criador. (...) Quando o homem olha para dentro do próprio coração, descobre-se inclinado também para o mal, e imerso em muitos males, que não podem provir de seu Criador, que é bom. (...) O homem encontra-se, pois, dividido em si mesmo. E assim,

<sup>22</sup> SUSIN, Luiz Carlos. *A criação de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 132.

<sup>23</sup> SUSIN, Luiz Carlos. *A criação de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 135.

toda a vida humana, quer singular quer coletiva, apresenta-se como uma luta dramática entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas. Mais: o homem descobre-se incapaz de repelir por si mesmo as arremetidas do inimigo: cada um sente-se como que preso com cadeias.

No entanto, negar a Deus, diante do mal, em uma postura ateísta, também não é o caminho, pois, como defende Luiz Carlos Susin (2003),

A persistência do sofrimento torna a própria negação de Deus novamente absurda, uma fracassada tentativa de abandonar o desejo e a nostalgia de justiça e de bondade, enfim, de qualquer esperança. Na verdade, torna-se fonte de um novo e redobrado sofrimento, em que naufraga também o ateísmo, junto com o teísmo<sup>24</sup>.

---

<sup>24</sup> SUSIN, Luiz Carlos. *A criação de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 121.

## 2 O MAL MORAL NO CINEMA DE LARS VON TRIER

Com o objetivo de oferecer uma contribuição à reflexão sobre o mistério do mal, apresentamos a seguir uma reflexão sobre como o tema aparece em dois filmes do cineasta dinamarquês Lars von Trier: *Anticristo* e *Melancholia*. Apesar das obras não possuírem explicitamente o caráter de filmes teológicos, o cineasta deixa claro por meio do enredo e das falas dos personagens sua concepção teológica acerca do mal e de Deus.

Antes porém, vamos situar a questão na área de conhecimento do Cinema.

### 2.1 A linguagem cinematográfica

Quando os Irmãos Lumière<sup>25</sup>, no ano de 1895, apresentaram a um seletivo grupo de pessoas, em Paris, seu mais novo invento, chamado “cinematógrafo”, não podiam calcular as dimensões que tal criação tomaria, em termos de indústria multibilionária e de revolução do pensamento e da arte. O cinema tornou-se mais do que um meio e um instrumento de comunicação social, evoluindo para uma ferramenta capaz de revolucionar as emoções e o pensamento humanos. Ele exerce grande influência nos homens e mulheres de nosso tempo e é capaz de condicionar, para o bem e para o mal, a existência, a história, o nosso modo de pensar e de agir.

Tecnicamente, precisamos nos deter à questão da linguagem cinematográfica, ou seja, o que caracteriza o cinema em relação às outras formas de expressão e comunicação. Podemos afirmar que o maior poder do filme é tornar real a imaginação.

Quando falamos sobre linguagem cinematográfica, estamos referindo-nos a todo o processo técnico para se produzir um filme, principalmente a questão

---

<sup>25</sup> Auguste Marie Louis Nicholas Lumière (Besançon, 19 de outubro de 1862 — Lyon, 10 de abril de 1954) e Louis Jean Lumière (Besançon, 5 de outubro de 1864 — Bandol, 6 de junho de 1948), os irmãos Lumière, foram os inventores do cinematógrafo (*cinématographe*), sendo frequentemente referidos como os pais do cinema. (Fonte: Wikipédia. Acesso em 23 de agosto de 2015)

dos movimentos de câmera, os ângulos, os planos – aberto, fechado – e os recursos de edição. Cada plano ou movimento da câmera provoca um efeito psicológico no espectador, produzindo sensações, sentimentos e reflexões, para a concepção da ideia e do enredo do filme assistido. De modo que o diretor de cinema calcula, prevê, planeja cada uma dessas ações na hora de produzir o vídeo, para que a história seja contada com um determinado viés. Nada está construído e elaborado na tela diante de nós de modo ingênuo, acidental.

Segundo Urbano Zilles, na obra “Teologia da Pregação” (2013),

Nossa vida diária é comunicação. Comunicamo-nos com nossos semelhantes, principalmente, por meio de palavras, imagens, sinais e gestos (signos). O homem tem a capacidade maravilhosa de manifestar e compartilhar realidades invisíveis por meio de sinais sensíveis<sup>26</sup>.

O filme é uma linguagem de comunicação mais atual do que nunca. Além disso, é considerado como a sétima arte. Ainda segundo Zilles (2013, p. 62), “a expressão artística tem um valor comunicativo e inefável”.

Partimos sempre da compreensão de que a linguagem humana é temporal, ou seja, ela adquire novas significações e conotações ao longo do tempo. O cinema consegue muito bem captar os sinais dos tempos e manter a linguagem atualizada para falar às pessoas em qualquer tempo que seja. Na visão do professor de cinema Luiz Vadico, em entrevista concedida à revista IHU On-Line no ano de 2012,

o ser humano contemporâneo é um sujeito ativo no processo de produção midiática e conseqüentemente na produção da imagem do sagrado. (...) parece-nos que neste início do século XXI é a massa quem está desejando dizer “Quem é Jesus Cristo”, ou participar de forma mais efetiva na elaboração teológica, criticando-a e informando o quão perto ou distante das suas necessidades a teologia tradicional se encontra. Então, da mesma forma que no distante passado os religiosos tiveram de lidar com representantes da indústria cinematográfica criando imagens relativas ao sagrado, e que pareciam incitar o público a seguir esta ou aquela direção, agora temos o público que está dizendo imagetivamente o que deseja, e o que questiona. E nem sempre questionam o sagrado, mas as representações que dele se fizeram. Pode se dizer que mesmo em pequena escala estes vídeos ainda são uma produção autoral, e o são de fato. No entanto, essa

---

<sup>26</sup> ZILLES, Urbano. *Teologia da pregação*. Porto Alegre, Letra & Vida, 2013, p. 42.

produção autoral agora é de outro tipo. Estes autores, por não terem que lidar com um mercado cinematográfico e nem terem uma preocupação direta com o lucro econômico de seus filmes (o que não quer dizer que não haja outros lucros), estão muito mais livres para dizerem de forma objetiva, e com poucos filtros, o que sentem e o que pretendem. Apesar de o cinema ser a matriz do audiovisual, atualmente já não podemos olhar apenas para este em busca de respostas. Precisamos verificar todo o universo deste cinema expandido, inclusive estes produtos midiáticos diretamente descendentes da produção cinematográfica. Em termos teológicos os autores destes vídeos expressam o seu desconforto com a imagem cristológica tradicional, e não se trata apenas de “desconforto”; eles evidentemente dizem onde está o problema com ela. Esta liberdade nunca se teve antes”<sup>27</sup>.

Desta forma, o cinema que se dedica ao tema do transcendente pode servir de base para a Teologia e seus dilemas. Afinal, a fé não nasce da Teologia, mas esta é uma exigência da fé, no sentido de nossa necessidade de buscar razões para nossas crenças.

Nesse sentido, o teólogo Joe Marçal (2006) propõe o conceito de “teopoética” aplicado à relação entre o Cinema e a Teologia, como ele mesmo explica:

A teopoética sensibiliza o olhar e o saber teológico, tornando esse olhar também uma “arte de observação da vida”. Sob o princípio de encarnação, a própria teologia tem de perceber os novos amálgamas espirituais, suas contradições e complexidades, um mundo e uma cultura que exige uma constante elaboração do discurso sobre Deus e participar deles. Ou seja, a teologia deveria estar sempre disposta a ser aquela área do conhecimento susceptível não apenas ao incondicional, mas ao que lhe está mais ao alcance dos olhos, porque é ali exatamente que o incondicional se manifesta. Assim, a teopoética instiga a teologia a elaborar seu conhecimento consciente de sua criaturalidade elementar, como um estilo adequado para falar de Deus nos nossos dias. A teopoética dá um sentido estético para a teologia, como um permanente cultivo de sua própria receptividade ao sagrado como “desejo e preocupação últimos”<sup>28</sup>.

E Marçal é ainda mais enfático e esclarecedor ao ressaltar a relação entre Cinema e Teologia:

---

<sup>27</sup> VADICO, Luiz. *A complexidade das relações entre cinema/religião e religião/cinema*. In: *Cinema e Transcendência. Um debate*. Revista IHU On-Line número 412, de 18-12-2012, disponível em [www.ihuonline.unisinos.br/index.php?secao=412](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?secao=412)

<sup>28</sup> SANTOS, Joe Marçal Gonçalves dos. *Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski*. Artigo publicado nos *Cadernos Teologia Pública* número 26. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos – IHU, 2006, p. 54.

Uma relação cognitiva entre teologia e cinema deve ser evidenciada por um método que se estabelece de uma certa correlação entre sujeito e objeto do olhar. Em se tratando de cinema, porém, há uma experiência de inversão na base dessa relação, quando o olhar é sujeitado pela linguagem encatatória da imagem em movimento. Toda imagem guarda uma epifania de mundo, e a imagem poética é menos o produto de um impulso que uma criação que impulsiona. Assim, quando falamos em imagem em movimento, este movimento vai além de uma técnica de animação: esse movimento é ele mesmo sentido dessa imagem, na medida que esta guarda consigo um poder de ação e acontecimento<sup>29</sup>.

Assim, podemos afirmar que o cinema é uma fonte possível de exploração sobre o enigma do mal. Do mesmo modo que filósofos e teólogos de todos os tempos se dedicam a investigar sobre este grande mistério, muitos cineastas esboçaram nas telas de cinema suas dúvidas, angústias e questionamentos envolvendo o dilema entre mal e a criação bondosa de Deus.

A Igreja tem consciência da relevância social do cinema, inclusive se posiciona em relação à sétima arte em uma série de documentos oficiais do Magistério, desde Pio X até João Paulo II. E nosso destaque aqui se relaciona ao tema do mal no cinema e como os Papas se manifestam sobre o assunto.

Segundo Dario Viganò, na obra *Cinema e Chiesa*<sup>30</sup>, a Igreja enfrentou com grande coragem e competência o problema acerca da reflexão teórica sobre o cinema. E cita particularmente Pio XII que, abordando a problemática questão da representação do mal, entra na reflexão sobre o estatuto da imagem, sobre a impressão da realidade que a visão cinematográfica cria e sobre o impacto emotivo que o espetáculo provoca. Tal afirmação se dá com base no *Secondo discorso sul film ideale*, escrito por Pio XII em 1955:

É preciso escolher, e com muita cautela, como se deve tratar o mal e o escândalo que, sem dúvida, é parte importante da vida do homem. A soberba, a ambição desmedida, a cobiça pelo poder, pela riqueza, a infidelidade, a injustiça, o deboche, são infelizmente características das ações de muitos, entrelaçando amargamente a história humana. Dar forma artística ao mal, descrever sua eficácia e seu desenvolvimento, sua via aberta e oculta, com o conflito que isso gera ou através do qual

<sup>29</sup> SANTOS, Joe Marçal Gonçalves dos. *Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski*. Artigo publicado nos *Cadernos Teologia Pública* número 26. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos – IHU, 2006, p. 5.

<sup>30</sup> VIGANÒ, Dario. *Cinema e Chiesa. I documenti del Magistero* (Torino: Effatà Editrice, 2002).

avança, tem para muitos um quase irresistível fascínio. Em termos de narração e representação, muitos não saberiam alcançar a inspiração artística, nem o interesse dramático, se não a partir do reino do mal, mesmo que apenas como pano de fundo para o bem, como sombra da qual salta um pouco de luz. Pode um filme ideal assumir como conteúdo tal objeto?<sup>31</sup>.

Para Viganò, a partir dos documentos da Igreja, o problema de dar forma artística ao mal, entendido como a apresentação do aspecto mais grosseiro da existência humana – e que faz parte da natureza do homem – é resolvido com equilíbrio, considerando o cinema como um meio de representação a partir da realidade. “É o próprio real, mesmo em sua forma mais violenta, fornecida pela imagem cinematográfica, que fala com a consciência do espectador e deixa aberta a possibilidade de uma elaboração crítica”<sup>32</sup>.

## 2.2 A característica da obra de Lars von Trier

Antes de nos determos à obra cinematográfica de Lars von Trier é preciso trazer breves aspectos de sua biografia, para inclusive compreender melhor seu trabalho no cinema.

Nascido em 30 de abril de 1956, em Copenhage, o cineasta dinamarquês teve sua infância marcada pelo ateísmo dentro do seio familiar. Talvez esse fosse um dos motivos para o interesse de Trier pela temática religiosa em



(Foto: Nicolas Guerin/Contour/Getty Images).  
Reprodução da internet

seus filmes. Aos 11 anos de idade já filmava de modo informal e com 20 anos já estudava cinema na Universidade de Copenhage. Aos poucos, foi se tornando um cineasta de renome internacional, inclusive com direito a um apelido: “enfant terrible”. A “criança terrível” marcou seu espaço desde cedo, produzindo o que chamamos de cinema autoral – contrapondo o cinema comercial hollywoodiano

<sup>31</sup> VIGANÒ, Dario. Cinema e Chiesa. I documenti del Magistero. Torino: Effatà Editrice, 2002, p. 27. (tradução livre da pesquisadora)

<sup>32</sup> VIGANÒ, Dario. Cinema e Chiesa. I documenti del Magistero. Torino: Effatà Editrice, 2002, p. 28. (tradução livre da pesquisadora)

–, sempre carregado de críticas e de polêmicas na recepção de seus filmes. Apesar disso, declarou-se como “o melhor diretor de cinema do mundo”.

No ano de 1989, quando Trier estava com 33 anos, converteu-se ao catolicismo, por influência de Carl Theodor Dreyer, cineasta dinamarquês. Atribui-se tal conversão também a uma revelação sobre a identidade de seu pai biológico, feita pela mãe em seu leito de morte. Apesar disso, Lars von Trier há muito tempo declara-se ateu. Na coletiva de imprensa do lançamento de *Anticristo* no Reino Unido, afirmou: “eu diria que sou mau cristão, não sou crente. Foi essa a ideia à qual cheguei muito cedo na vida: de que a vida na terra, a natureza e o homem não podiam ser criações de um Deus misericordioso”.

No entanto, Trier teve um berço de ouro intelectual. Sua obra é influenciada por grandes nomes da Filosofia, da Teologia, da música e do próprio cinema. Nietzsche e Sade eram seus autores de cabeceira. Como veremos adiante, não é à toa que o título de um de seus filmes é *Anticristo* e que a personagem principal de outro filme, *Melancholia*, chame-se *Justine*, mesmo título de um livro do Marquês de Sade. No cinema, nunca escondeu a admiração por Ingmar Bergman, Andrey Tarkovsky e Carl Theodor Dreyer. Na música, ouvia Richard Wagner e David Bowie. Todas essas referências aparecem de um modo ou outro em suas obras.

### **2.3 O enredo e a concepção “teológica” de *Melancholia* e *Anticristo*.**

Traremos a seguir a decupagem dos dois filmes utilizados nesta pesquisa: *Melancholia* e *Anticristo*, de Lars von Trier. Como não há um roteiro publicado da obra cinematográfica, a pesquisadora descreve a seguir cada cena, com seus respectivos diálogos, na intenção de melhor compreender os filmes e em que sentidos eles podem contribuir na presente pesquisa. Afinal, como explica Joe Marçal (2006):

A decupagem é a lâmina que instala o “corte do olhar”. Do francês *découper*, “cortar em pedaços”, designa o procedimento técnico de transcrição detalhada do roteiro para a finalização do filme na montagem. Na análise, a decupagem permite a apreensão dos elementos visuais, sonoros e narrativos que constituem a forma do

filme. Por meio deste exercício ainda descritivo, a análise nos abre os olhos para nossa própria participação no filme, deixa-nos enxergar as associações e estranhamentos que “vazam” na experiência com a imagem e, sobretudo, nos convida a perceber o modo como preenchemos os vazios da imagem e da narrativa<sup>33</sup>.

### 2.3.1 Melancolia

O filme inicia com a tela trazendo em primeiro plano o rosto de Justine, personagem central da trama. Ao fundo, objetos vão caindo, representando as verdades e certezas da vida. A ópera *Tristão e Isolda*<sup>34</sup>, de Richard Wagner, faz o pano de fundo para as cenas em câmera lenta. Justine aparece vestida de noiva, correndo e fugindo de cordas ou espécie de raízes que a prendem ao chão. O jardim onde ela se encontra é cinza.



Na tela aparecem os dizeres: “Primeira parte – Justine”.

Ela e o marido, com quem recém se casou, chegam de limusine para a festa de casamento, que acontece na casa de sua irmã, Claire, que por sua vez é casada com John, com quem tem um filho, Liu. Justine aparentava estar feliz. Na festa, os pais de Justine e Claire, que são separados, começam a discutir diante dos convidados. A mãe de Justine diz: “eu não estive na Igreja [cerimônia]; não acredito em casamento. Aproveitem enquanto dure”. Justine começa a fechar o rosto e Claire chama a irmã para um quarto, pedindo ela para não fazer

<sup>33</sup> SANTOS, Joe Marçal Gonçalves dos. *Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski*. Artigo publicado nos *Cadernos Teologia Pública* número 26. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos – IHU, 2006, p. 10.

<sup>34</sup> Aqui vale um comentário sobre a escolha musical de Lars von Trier. *Tristão e Isolda* é uma ópera de Richard Wagner, baseada em uma lenda medieval que trata de um amor impossível, aspirando, portanto, à morte. Além disso, a partitura da peça é um marco da música erudita moderna, por apontar a dissolução da tonalidade, o que acabou resultando no chamado atonalismo (fim da harmonia convencional e da tonalidade) do século XX. Assim como a tonalidade se dissolve, a realidade de Justine no filme também cai por terra. (Nota da pesquisadora)

escândalo, afinal, Claire organizou toda a festa e demonstra preocupação com as aparências, não querendo que nada dê errado.

Justine sai da festa e vai para a rua, admirar as estrelas. Todos sentem falta da noiva, então ela aparece. O noivo não consegue fazer um discurso. Apenas diz que ama Justine, que nunca havia sonhado que um dia teria uma esposa tão linda e que se considera o homem de mais sorte em toda a Terra.

No meio da festa, Justine coloca seu sobrinho Liu para dormir, pois ele estava com sono, e cochila junto dele na cama. Claire vai acordá-la e pergunta o que está acontecendo. Justine diz que está lutando com dificuldade em um jardim cinza, descrevendo assim seu quadro depressivo. Ela decide tomar um banho de banheira enquanto os convidados esperam.

John, marido de Claire, pergunta a ela se todas as mulheres da família dela têm problemas mentais. Ele pega as malas da mãe de Justine e Claire, sua sogra, e as coloca para fora da casa. O funcionário da casa traz a bagagem de volta. Justine reaparece na festa e os noivos cortam o bolo.

O noivo percebe que Justine não está bem e a leva para conversar em um dos quartos. Conta para ela que comprou um pedaço de terra para eles morarem, com macieiras que, para ele, podem tirar a tristeza dela, caso ela surja. Ela o chamou de gentil e pegou uma foto que ele entregou a ela com a imagem da propriedade, dizendo que nunca se separaria daquele papel. Mas logo levantou e deixou a foto ali, ao lado, demonstrando a real importância que aquilo tinha para ela.

John cobra de sua cunhada Justine que ela deveria estar feliz, afinal ele havia gasto muito dinheiro na festa e tal investimento só valeria a pena se ela estivesse feliz. Ela agradeceu pela festa maravilhosa.

Justine retorna à festa e seu chefe a apresenta a um rapaz chamado Tim. Na cena seguinte, ela e sua irmã conversam em um quarto. Para Claire, Justine não está feliz, ela mente para todos. Justine vai conversar com a mãe, dizendo que está assustada, apavorada. Confessou que não consegue mais caminhar

corretamente. A mãe disse que no lugar dela já teria fugido e que percebeu que a filha manca ao andar. “Vá embora mancando. Pare de sonhar Justine”, disse ela. A filha disse que tem medo. E a mãe responde: “todos nós temos. Apenas ignore-o”.

Justine volta novamente à festa, porém cada vez mais distante. Ela e o marido vão para o quarto e ele tenta consumir o casamento, mas ela pede um tempo, deixando-o sozinho no quarto e sai, ainda vestida de noiva. O jovem Tim segue-a. No jardim, Justine joga-o no chão, em fúria, abre as calças e sobe em cima dele. Depois de transar com Tim, ela volta à festa e dança com seu pai e outras mulheres. Ela pede ao pai que precisa conversar com ele, mas não recebe atenção. O marido dela observa tudo da janela do quarto. Justine vai falar com seu chefe, que a provoca a trabalhar em plena festa de núpcias. Ela o ofende, diz que o odeia e ele entende tal reação como um pedido de demissão. Nisso, o noivo e seus pais carregam suas malas. Ele diz à Justine que está indo embora e ela responde: “tá”. Ele diz que que poderia ter sido diferente, ao que ela responde: “Sim, poderia. Mas também, o que você esperava?”. Ele concorda e vai embora. Claire diz à irmã: “Justine, às vezes eu odeio tanto você”.

No dia seguinte, Claire acorda Justine para cavalgarem juntas. Justine diz para a irmã que tentou e Claire disse que sabe disso. As duas cavalgam em meio ao nevoeiro. Os cavalos se rebelam, pois percebem que algo na natureza não está bem. Eles não obedecem aos comandos. Justine olha para o céu e nota o sumiço de uma estrela.

Na tela, aparecem os dizeres: “Parte dois – Claire”.

Esta parte inicia com Claire organizando a casa e ajudando Justine ao telefone, pois a irmã não conseguia pegar um táxi sozinha para ir ao encontro de Claire, tamanha sua debilidade física e emocional. John se irrita que a cunhada esteja vindo e Claire pede paciência, afinal, é sua irmã que está doente. Para John, Justine é uma péssima influência para a esposa e o filho.

Claire pesquisa na internet sobre um planeta que ela nomeia de “idiota” e que John chama de “maravilhoso”. Claire tem medo do tal planeta e John diz que

será a experiência mais espetacular das vidas deles. Ele explica: “ele chegará até nós em cinco dias e não vai nos atingir. Sabemos que não vai atingir a Terra. Querida, você precisa confiar nos cientistas”. Claire rebate dizendo que alguns declaram que vai bater. Mas John afirma que se trata dos “profetas do apocalipse”, que querem chamar a atenção.

Justine chega muito doente e fraca à casa de Claire, que cuida da irmã assolada por um profundo estado depressivo. Ela prepara para Justine sua comida preferida, que segundo a própria, tem gosto de cinzas.

O menino Liu pesquisa na internet sobre o Planeta Melancolia, que passará pela Terra, em um fenômeno chamado perigeu. Claire pede para ele não mostrar isso para a tia Justine, pois ela poderá sentir medo. Justine diz: “se você acha que tenho medo de um planeta, você é muito boba”. Justine acompanha Claire no jardim, no cuidado com as plantas. Enquanto isso, John compra suprimentos, para o caso de Melancolia chegar muito perto. Justine vê e ele pede que ela não comente com Claire, que segundo ele, se estressa muito fácil.

As irmãs saem juntas novamente para cavalgar, apesar da resistência de Justine. O cavalo dela se rebela e ela bate violentamente no animal, enquanto Claire tenta impedir. Justine olha para o céu e avista Melancolia. “Olha ele aí; está se aproximando”, ela diz. Claire se apavora. Ela vai até o celeiro, onde os cavalos estão presos e desesperados, fazendo muito barulho e tentando fugir.

John e o filho Liu criam um instrumento feito de madeira e com dois círculos de arame, para medir o quanto Melancolia se aproximará e depois se afastará da Terra, segundo John. Na noite seguinte seria a passagem do planeta pela Terra. Claire segue preocupada e Justine se mostra indiferente.

Claire foi até a vila comprar veneno e guardou em uma gaveta. John viu e perguntou se ela pretende matar a todos com aquilo. Os animais seguem revoltados.

Justine e Claire sentam para conversar sobre Melancolia. Justine diz: “a Terra é maligna. Não precisamos sofrer por ela. Ninguém vai sentir falta. Tudo o que eu sei é que a vida na Terra é perversa. Eu sei das coisas, Claire. Sei que estamos sós. Vida só existe na Terra e não resta muito tempo”.

A família se reúne para admirar a aproximação de Melancolia, que chega muito perto da Terra e depois começa a se afastar. John propõe um brinde à vida e Claire estranha: “você não disse que tudo ia ficar bem?”. Ele mencionou que havia uma margem de erro nos cálculos da ciência, só não queria alarmar a todos. Ao confirmar com o instrumento de arame que Melancolia estava mesmo se afastando, Claire chorou aliviada.

No dia seguinte, John estava estranho, olhando no telescópio. De repente ele some. Claire pega o instrumento de arame, mira o planeta e marca cinco minutos no relógio. Quando olha novamente, vê que Melancolia está se aproximando da Terra novamente. Ela se desespera e procura John pela casa toda. Vai pegar o veneno na gaveta e não o encontra. Justine diz que estava ouvindo a natureza e percebe que algo mudou. Ela diz que os cavalos agora estavam tranquilos. Claire vai até o celeiro confirmar e encontra John morto. Ele se suicidou com o veneno.

Melancolia chega cada vez mais perto e Claire chora desesperada. Ela tenta fugir com o filho, mas não há para onde fugir. De volta à casa, ela conversa com Justine, pedindo à irmã: “quero que estejamos juntos quando acontecer, quem sabe lá fora, no terraço. Me ajude, Justine. Quero fazer isso do jeito certo”. Justine sugere que seja rápido. Claire pediu que a irmã a ajudasse a preparar um ambiente com música, velas e uma taça de vinho, pois isso a faria feliz. E Justine responde: “sabe o que eu acho do seu plano? Uma grande porcaria”.

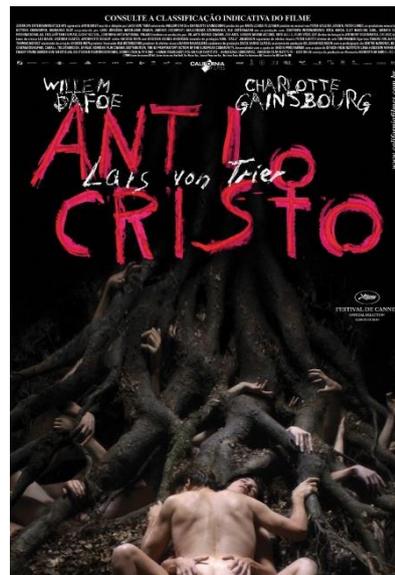
Liu diz para Justine que tem medo do planeta bater neles. Ela abraça o sobrinho e pede que ele não tenha medo. Liu recorda que o pai havia lhe dito que se Melancolia colidisse com a Terra, não haveria o que fazer, nem onde se esconder. E Justine sugere que eles construam uma caverna mágica. Foram procurar alguns galhos e montaram uma espécie de barraca, embaixo da qual

ficaram os três: Claire, Liu e Justine, sentados, de mãos dadas. Uma música erudita alta invade a cena, enquanto Melancolia se choca com a Terra e acontece uma grande explosão. A tela fica escura. Final do filme.



### 2.3.2 Anticristo

O filme inicia com o Prólogo. As cenas são em preto e branco e em câmera lenta. Ao fundo, somente uma ópera de áudio: *Lascia Ch'io Pianga*, de George Frideric Handel<sup>35</sup>. A mulher, Ela, toma banho. Lá fora da casa neva e a janela se abre com o vento. O casal faz sexo no chuveiro. O bebê acorda e sai do berço, mas os pais não percebem, pois estão transando. Três bibelôs de homens em miniatura aparecem na tela, sobre um móvel da casa, sendo que cada um tem um dizer diferente: dor, sofrimento e desespero. O bebê coloca uma cadeira em frente à janela aberta e salta para a morte.



Inicia o capítulo um, intitulado “Sofrimento”.

<sup>35</sup> Não é acidental a escolha de von Trier pela peça que tem como letra principal o seguinte trecho: “Deixe-me chorar, deixe-me lamentar meu destino cruel”. Afinal, para o cineasta está claro que a maldade é algo que faz parte do destino humano. É mais forte do que tudo. (Nota da pesquisadora)

Aparece o funeral do bebê. Ele, o pai, chora. Ela não, mas desmaia e vai para o hospital. Lá fica mais de um mês internada, com depressão. O marido a traz para casa, pois é contra que ela tome tantos remédios. Ele é psicólogo e pretende tratar a esposa. Ela diz: “a culpa foi minha. Eu podia ter impedido. Você não sabia que ultimamente ele acordava no meio da noite e andava pela casa”.

Para ele, sofrer não é uma doença para ser tratada com medicação. É uma reação natural e saudável. Eles conversam muito sobre as fases do luto e ela acusa o marido de ser distante da vida dela e do filho. Citou como exemplo o último verão, em que ela e o menino foram sozinhos para uma casa de campo da família, em um local chamado Éden. Ele recorda que ela pediu para ficar sozinha com o menino, pois se dedicaria para escrever sua tese. No entanto, ela não terminou o trabalho e ele nem sabia. Lá ela percebeu que o tema da tese passou a ser uma mentira.

O marido propõe a Ela a técnica da exposição: ter coragem para ficar na situação que causa medo, para aprender que o medo não é perigoso. Ela disse que tem medo da mata ao redor da casa de campo em Éden. Eles vão até lá. Quando chegam, caminhando na mata, Ele vê um cervo, que o encara. Ao se aproximar, percebe que é uma fêmea parindo um filhote morto. Cena assustadora.

Inicia o capítulo dois, intitulado “o caos reina”.



Eles chegam à cabana de Éden. No meio da noite, escutam barulhos de bolotas que caem das árvores de carvalho. Ela recorda que um dia trabalhava na tese e sentiu medo, então parou de escrever. Sua pesquisa era sobre o genocídio de mulheres ao longo da história. Naquela ocasião, ela ouviu um choro de criança, desesperador. E foi procurar seu filho, que estava brincando. Somente os dois estavam lá. “Eu comecei a ver que tudo aquilo que eu achava belo, na verdade

não era. Talvez fosse hediondo. E conseguia ouvir o que não ouvia antes: o grito de tudo aquilo que está para morrer”, definiu. E continuou: “a natureza é a igreja de Satã”. Ele coloca a natureza no topo da lista de medos dela, acima do jardim do Éden. Mais tarde, ao caminhar na mata, ele percebe o movimento da relva e segue. Ao colocar a mão para abrir o verde, uma raposa mostra os dentes para ele, com as vísceras à mostra, e diz em voz distorcida: “o caos reina”.

Inicia o capítulo três, intitulado “desespero”.

Ele vai até o sótão e pesquisa o material da tese dela.

Então, ele propõe um exercício com ela, no qual ele é a natureza dos seres humanos, que fazem mal às mulheres. E ela disse: “você não deve subestimar o Éden. Eu descobri algumas coisas no meu material além do que eu esperava. Se a natureza é má, então isso vale para a natureza de todas as irmãs. As mulheres não controlam seus próprios corpos”. E ele responde: “a literatura que você pesquisou fala sobre atos cruéis cometidos contra as mulheres e você leu isso como prova do mal nas mulheres? O bem e o mal não têm nada a ver com terapia. Milhares de mulheres inocentes morreram no século XVI apenas pelo fato de serem mulheres, e não porque eram do mal. O mal que você fala é uma obsessão, que não se materializa”.

Ele lê o laudo da autópsia do filho, que dizia: “a única anormalidade na vítima é uma anormalidade leve nos ossos dos pés, de data antiga”. Ele encontra fotos do filho tiradas ali em Éden e percebe que a esposa colocava os sapatos nos pés trocados da criança propositalmente. Então, ele se dá conta e escreve no topo da lista de medos: “ela mesma”. Neste instante, ela golpeia ele e inicia uma série de torturas físicas, em uma sequência de cenas aterrorizantes.

Inicia o capítulo quatro, intitulado “os três mendigos”.

Ela chora e pede perdão a ele pelo que fez, dizendo que ainda não queria matá-lo, pois os três mendigos ainda não haviam chegado e quando eles chegam, alguém deve morrer. Ela se lembra do dia em que o filho deles morreu e a cena é novamente retomada, porém completa: ela vê quando o menino se

prepara para saltar da janela, mas não impede, para não interromper o sexo que fazia com o marido. Por sentir esse desejo, ela pega uma tesoura e corta seu clitóris, em uma cena chocante de automutilação.

Ao final, ele vê o cerco, a raposa e o corvo – os três mendigos – juntos: dor, desespero e sofrimento. Ela o golpeia com uma tesoura e os dois começam a lutar. Ele, em um ato de fúria, a mata estrangulada. Leva o corpo dela até a mata e o queima, em uma fogueira gigante.

O filme encerra com o Epílogo, em que ele, machucado das torturas, em cena novamente em preto e branco, se arrasta pela mata e come frutos. Ao longe, os três animais o encaram. E ele vê um grupo imenso de mulheres caminhando pelo Éden. A cena se esvai. Final do filme.

### 2. 3. 3 Análise das obras

Ao aceitarmos o desafio de viajar na experiência humana de Justine, personagem principal do filme *Melancholia*, podemos compartilhar com ela a sensação niilista de ver cair por terra todas as certezas que embasavam a vida até então. A sensação de vazio é completamente nietzschiana. Além disso, Deus está completamente ausente da vida humana e nada faz para impedir sua extinção devida ao choque da Terra com o planeta Melancholia.

*Melancholia*, de Lars Von Trier, é comentado por Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro, no livro: “Há mundo por vir?”<sup>36</sup>. Segundo eles, a obra é permeada por uma única questão: “Não há saída”. Na cena final, na hora da rota de colisão (a dança da morte), é possível vivenciar “o evento que acaba com todos os eventos, e com o próprio tempo”.

Apenas Justine, a personagem melancólica, conseguia sondar esse abismo. Era a única que “sabe das coisas”. Em uma de suas palavras mais duras pronunciadas no filme, ela diz: “Tudo o que sei é que a vida na Terra é má”. Ela personaliza uma melancolia ontológica absoluta. Entretanto, nos últimos minutos do filme, ela protagoniza uma cena

---

<sup>36</sup> DANOWSKI, Deborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Cultura e Barbárie Editora, 2014.

impressionante: a busca de proteção numa espécie de “caverna mágica” feita de bambus, uma “esquálida armação”, sem paredes materiais, construída como “saída” para enfrentar o acontecimento<sup>37</sup>.

Luiz Felipe Pondé igualmente se dedicou ao filme, em uma de suas colunas no jornal Folha de S. Paulo<sup>38</sup>. O filósofo insere sua reflexão sobre o filme no quadro dos grandes pessimistas de nosso tempo, entre os quais Marquês de Sade. Para Pondé, Lars von Trier se insere em uma tradição de gnósticos e trágicos, que marcam sua reflexão com uma dura indagação sobre a realidade cruel e perversa da natureza. Ele indica que grandes filósofos, como Descartes, Pascal, Leibniz e Kant, temiam que “esses pessimistas tivessem razão e que o único afeto inteligente diante da vida fosse a tristeza, ou, melhor dizendo, em um vocabulário filosófico elegante, a melancolia”. Na concepção de Pondé, a personagem Justine dá voz aos melancólicos quando diz: “não há esperança para nós”. Ela seria uma “vítima indefesa da melancolia” e sua percepção é sempre a mesma: “a vida na Terra é má”; e em tudo que vive ou faz sente esse pêndulo difícil e duro de estranhamento: “mesmo a comida mais gostosa revelará seu sabor verdadeiro: a substância última das coisas são as cinzas”.

Podemos perceber nitidamente a influência do livro *O Anticristo – Ensaio de uma crítica do Cristianismo* (1888), de Friedrich Nietzsche, no filme de Lars von Trier com o mesmo título. Se Nietzsche se via como um anticristo por atacar o cristianismo, podemos ousar afirmar que Trier se coloca da mesma forma em sua obra cinematográfica, pois usa de simbologias cristãs para apresentar a natureza humana e a criação divinas como más. Nada mais lógico para Trier do que a existência de um deus maléfico, que criou os seres humanos maus, à sua imagem e semelhança. Talvez assim ele tentasse trazer uma resposta à Teodicéia. Para o *Anticristo* de Nietzsche, o cristianismo se resume ao “não resistais ao mal”. E não é difícil perceber a influência do filósofo alemão em von Trier. Vejamos uma passagem do aforisma XVII de *O Anticristo*:

Nenhuma explicação é necessária para se entender em quais momentos da História a ficção dualista de um Deus bom e um Deus

---

<sup>37</sup> DANOWSKI, Deborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Cultura e Barbárie Editora, 2014, p. 59.

<sup>38</sup> PONDÉ, Luiz Felipe. *Os infortúnios da melancolia*. Artigo publicado no jornal Folha de S. Paulo, em 08 de agosto de 2011.

mau se tornou possível pela primeira vez. O mesmo instinto que leva os inferiores a reduzir seu próprio Deus à “bondade em si” também os leva a eliminar todas as qualidades do Deus daqueles que lhes são superiores; vingam-se demonizando o Deus de seus dominadores. — O bom Deus, assim como o Diabo — ambos são frutos da *décadence*.

Lars von Trier faz uma reverência ao mal, como observa Flavia Arielo, em sua dissertação de mestrado em Ciências da Religião, em 2013, por percebê-lo como algo concreto, existente e incurável, não somente em Deus, mas na humanidade e em toda a natureza em si (fauna, flora). Em uma cena marcante da película *Anticristo*, uma raposa se autoflagela e profere em tom aterrorizante: “o caos reina”. Segundo ela, “apesar do teor pesado e das cenas pouco palatáveis, *Anticristo* deve ser visto e interpretado como quem se depara com o mal: com respeito e reverência”.

Ao analisar o filme *Anticristo*, de Lars von Trier, em entrevista concedida à *Revista IHU On-Line* (2012), Flávia Arielo explica que, por diversos momentos, “o diretor centraliza a questão do mal na natureza, que nesse caso, pode ser entendida tanto como natureza física quanto a natureza do homem”. Para ela, a relação entre Deus e o mal na obra de von Trier se dá de forma bastante peculiar em cada um dos últimos três longas-metragens do diretor – *Dogville*, *Anticristo* e *Melancolia* – que são, segundo Arielo, filmes essencialmente teológicos. E constata que

ao que tudo indica, através de seus filmes, Lars von Trier sugere o ser humano completamente desconectado, apartado de Deus. A ideia de Deus está implícita em muitas formas, (...) mas Ele parece não se importar com o que acontece com sua criação. Na pior das hipóteses, o Deus de Trier não apenas nos abandonou como também pode contribuir para o nosso sofrimento. O diretor não dá esperanças para essa relação em nenhum de seus filmes”<sup>39</sup>.

Flávia conclui que “o fim de *Anticristo* demonstra que, para a razão, a única saída para a dor é a morte do mal, ou daquilo que ele representa”. E vai além:

Para muitos filósofos e teólogos, o mal reside exatamente em nossas escolhas, no livre-arbítrio. Essa é uma das formas de retirar de Deus o peso da efetividade do mal. Neste filme pesa muito mais a ideia de

<sup>39</sup> ARIELO, Flávia. *Respeito e reverência diante do mal: o deus de Lars von Trier*. In: *Cinema e Transcendência. Um debate*. Revista IHU On-Line número 412, de 18-12-2012, disponível em [www.ihuonline.unisinos.br/index.php?secao=412](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?secao=412).

destino do que de livre-arbítrio: somos maus por natureza e é aí que reside o sofrimento da descoberta do personagem feminina do filme. A mulher escolhe ser má, pois essa é sua essência, é assim que a humanidade é. Mas há uma escolha dessa personagem, em particular, que é primordial no filme: em uma das cenas finais o diretor revisa o prólogo e mostra o momento em que o casal está fazendo sexo no quarto, mas por outro ângulo de câmera, revelando que a mulher vê quando o filho vai saltar pela janela. A escolha foi pelo sexo e não pelo filho. O mal se revela nessa escolha<sup>40</sup>.

No auge do descontrole violento da personagem feminina de *Anticristo*, fica clara a visão de Trier de que o mal é uma força tão grande que a razão é incapaz de controlá-la. Assim, nos assemelhamos aos animais. Ou, como sugere Luiz Carlos Susin (2003), ao refletir sobre o fratricídio de Caim contra Abel, no livro do Gênesis,

Em Caim, o ser humano é ao mesmo tempo uma “ajuda de Deus”, uma “força de Deus”, e uma inclinação ao animal, uma mistura com a força animal em que se pode perder o controle: “podes acaso dominá-lo?”<sup>41</sup>.

Diante de tais obras e das reflexões que podem ser feitas a cerca delas, o drama oferecido por Lars von Trier é tão grande que não há saída e que nem mesmo a Teologia estaria à altura de dar uma resposta. A direção dada por Trier é a de que o aspecto moral já não mais interessa. Ele consegue mostrar que o mal passa por dentro da moral e que acaba sendo mais forte. Diante disso, apenas nos resta a oração e a certeza, dada pela fé, de que somente Deus nos salva do mal.

---

<sup>40</sup> ARIELO, Flávia. *Respeito e reverência diante do mal: o deus de Lars von Trier*. In: *Cinema e Transcendência. Um debate*. Revista IHU On-Line número 412, de 18-12-2012, disponível em [www.ihuonline.unisinos.br/index.php?secao=412](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?secao=412).

<sup>41</sup> SUSIN, Luiz Carlos. *A criação de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 137.

### 3 O TEMA DO MAL MORAL NA TEOLOGIA

Um dos caminhos em Teologia onde podemos buscar alguma luz para a tentativa de compreender ou explicar a presença do mal no mundo, é a Bíblia, a Sagrada Escritura. Nesse sentido, neste terceiro capítulo nos dedicaremos à reflexão sobre como o mal aparece em alguns excertos bíblicos. No entanto, como nos adianta Leomar Brustolin (2006):

Na Bíblia o mal é um tema fundamental. Ela tende a dar expressão, reler e dar significado ao mal e sofrimento de indivíduos e de comunidades. Nos textos, o mal não é atribuído a Deus. (...) Há diversas impositões sobre Deus e o problema do mal. Até no exílio babilônico manifesta-se um Deus que tem caráter terrível e misterioso e por isso aparece praticando o mal (...). Conclui-se que, na Bíblia, não há uma linha sistemática que queira explicar o problema do mal<sup>42</sup>.

#### 3.1 Jesus e o mal: o Pai-Nosso e outras passagens do Novo Testamento em que Cristo se refere ao mal

Começemos este subcapítulo com uma passagem do Evangelho de Mc 7, 14-23:

E, de novo chamando a si a multidão, dizia-lhes: “Ouvi-me todos e entendei! Não há nada fora do homem que, entrando nele, possa contaminá-lo. Antes, as coisas que provêm do homem são as que o contaminam. E quando entrou em casa, afastando-se da multidão, os seus discípulos perguntaram-lhe sobre a parábola e ele lhes disse: “Assim também vós sois insensatos? Não sabeis que tudo o que de fora entra no homem não pode contaminá-lo, porque não entra no coração dele, mas no ventre, e vai para a latrina?” – declarando puros todos os alimentos -. Dizia ainda: “O que provém do homem, isto contamina o homem. Porque de dentro do coração dos homens provém maus pensamentos, fornicções, roubos, assassinatos, adultérios, avarezas, perversidades, fraude, luxúria, olho perverso, calúnia, arrogância, insensatez. Todas essas perversidades provêm de dentro e contaminam o homem”.

Na obra *Evangelhos e Atos dos Apóstolos* (2011), Cássio Murilo Dias da Silva e Irineu Rabuske, escreveram uma nota de rodapé na referida passagem que diz que “a controvérsia sobre a tradição dos antigos torna-se um diálogo didático sobre o puro e o impuro. O que torna impuro o ser humano não são as

---

<sup>42</sup> BRUSTOLIN, Leomar Antônio. *A serpente intrusa: uma leitura sobre o enigma do mal*. In: *O Mistério do Mal*. Caxias do Sul: EDUCS, 2006, p. 124.

transgressões rituais, e sim vícios e pecados”<sup>43</sup>. Igualmente Lacoste (2004) alerta para o fato de que “a concepção do pecado como transgressão era justamente a característica específica da moral farisaica criticada por Jesus”<sup>44</sup> no referido trecho.

É exatamente o que o exegeta Joachim Jeremias (1974) defende na obra *Teologia do Novo Testamento*, quando afirma que a mesma crítica que Jesus fazia à cultura rabínica sobre o dia de sábado, ele o faz sobre a questão da pureza e do ritual de lavar as mãos antes de comer. No entanto, Jeremias faz um alerta sobre esta passagem, deixando bem claro que, para Jesus, o perigo estava nos pecados da língua:

Jesus estabelece um contraste entre o alimento e as palavras (dizemos “palavras” e não “pensamentos”, como pretende a exegese posterior de influência helênica (ver Mc 7,21). Não são os manjares o que podem tornar impuro o homem. Mas o que o mancha são as palavras más que ele manifesta<sup>45</sup>.

Fazendo a exegese bíblica, precisamos nos ater às diferenças linguísticas do termo “mal” utilizado em cada caso nesta pesquisa. Em Mc 7, 21, o vocábulo “mal” se refere aos maus pensamentos, sendo utilizado no original grego o termo “kakós”. Conforme Balz e Schneider (1996), no Dicionário Exegético do Novo Testamento, o termo *kakós* é utilizado para designar algo malvado ou o mal.

Recordando que Mateus escreveu a partir dos relatos de Marcos e da chamada Fonte Q<sup>46</sup>, a mesma passagem aparece no evangelista citado. Vejamos Mt 15, 10-20:

E, chamando a si a multidão, disse-lhes: “Ouvi e entendei! Não é o que entra na boca que contamina o homem, mas o que provém da boca, isso contamina o homem. Então, aproximando-se os discípulos

<sup>43</sup> MURILO DIAS DA SILVA, Cássio; RABUSKE, Irineu. *Evangelhos e Atos dos Apóstolos. Novíssima tradução dos originais*. São Paulo: Loyola, 2011, p. 90.

<sup>44</sup> LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2004, p. 1079.

<sup>45</sup> Tradução livre do original em espanhol. JEREMIAS, Joachim. *Teología del Nuevo Testamento*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1974, vol. I, p. 246.

<sup>46</sup> A fonte Q (também conhecida como documento Q ou apenas Q, sendo que a letra "Q" é uma abreviatura da palavra *Quelle* que, em língua alemã, significa "fonte") é uma hipotética fonte usada na redação do Evangelho de Mateus e no Evangelho de Lucas. A fonte "Q" é definida como o material "comum" encontrado em Mateus e Lucas, mas não no Evangelho de Marcos. Este texto antigo supostamente continha a *logia* ou várias palavras e sermões de Jesus. (Fonte: Wikipedia. Acesso em 15 de novembro de 2015).

disseram-lhe: “Sabes que os fariseus, quando ouviram esta palavra, ficaram escandalizados?”. Ele, respondendo, disse: “Toda planta que meu Pai celeste não plantou será arrancada. Deixai-os: são cegos guias de cegos. Ora, se um cego guiar outro cego, ambos cairão num buraco”. Tomando a palavra, Pedro lhe disse: “Explica-nos esta parábola”. Jesus, então, disse: “Até mesmo vós sois insensatos? Não sabeis que tudo o que entra na boca vai para o ventre e depois é lançado na latrina? Mas o que provém da boca sai do coração, e isso contamina o homem. De fato, do coração saem pensamentos perversos, homicídios, adultérios, fornicções, roubos, falsos testemunhos, calúnias. São estas as coisas que contaminam o homem; mas comer sem lavar as mãos não contamina o homem”.

Fazendo a hermenêutica bíblica, percebemos que os dois evangelistas retratam um Jesus preocupado com o mal que há dentro do coração do homem. No Antigo Testamento, alguns alimentos eram considerados impuros (como a carne de porco), os quais os homens não podiam comer se quisessem manter a aliança com Deus. Jesus veio para aperfeiçoar a lei e deu novo sentido à questão da impureza. Ele deixa claro que o que contamina o homem e impede sua plena aliança com Deus é o mal que existe dentro do homem e não o que vem de fora (através da comida, por exemplo).

No caso de Mt 5, 19 o termo do original em grego traduzido por pensamentos perversos é *ponerós*. Neste sentido, conforme defendem Balz e Schneider (1998), a decisão sobre a postura que devemos adotar nesta vida está em nossos corações, afinal, a boca fala sobre o que está cheio o coração: “a esta cadeia de enunciados, que fala claramente da decisão e da responsabilidade do homem, contrapõe-se a outra série de passagens que fala de uma possível origem do mal que esteja fora do homem”<sup>47</sup>.

Na visão de Lacoste (2004) por detrás de todo ato mau, há a realidade subjetiva do mal. Ao se referir à passagem de Mc 7,21, ele afirma que

Desse ponto de vista, o pecado é “falta”, mal subjetivo inerente à orientação moral do sujeito. Para reconhecer que os atos que se cometeram são maus, é preciso não apenas reconhecer o erro ou o fracasso da ação, mas também a desordem da maneira de agir<sup>48</sup>.

<sup>47</sup> Tradução livre do original em espanhol. BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard. *Dicionário exegético do novo testamento*. Volume 2. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1998, p. 1078.

<sup>48</sup> LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2004, p. 1080.

O mesmo autor faz um importante alerta, no sentido de que não se deve confundir o que Jesus quer dizer quando menciona o “coração” humano com a concepção moderna do século XVIII de “motivo” que justificaria as ações exteriores. “Essa não é a raiz de todos os atos”, esclarece.

A noção de ‘coração’ situa-se antes entre a de caráter e a de pecado original, de implicação no mal de toda a humanidade. Sejam quais forem as formas que o pecado pode ter, (...) é sua fonte comum que conta antes de tudo<sup>49</sup>.

Mas afinal, para Jesus, o mal mora dentro dos seres humanos? A maldade está dentro dos homens e das mulheres?

Recordemos a oração que Ele mesmo nos ensinou: o Pai Nosso, quando, no final, faz o pedido para que Deus nos livre do mal. Que mal é esse? Como nos trechos analisados acima, Jesus também pensa que o verdadeiro mal, que corrompe o homem, é o que vem de dentro dele, de dentro de seu coração?

A partir da exegese bíblica recorreremos ao termo *ponerós* que, em Mt 6, 13 está na origem da expressão “livrai-nos do perverso”. Na concepção de Balz e Schneider (1998), quando o fiel se dirige a Deus pedindo que lhe livre do mal, está presente o desejo de que seja afastado da influência irresistível e enigmática de Satanás. Para os autores, a intenção do que Mateus pretende expressar é:

Se trata da realidade e da atividade atual urgente e da realidade e atividade escatológica iminente do mal, a qual o homem não está acometido sem defesas, mas ao qual tão pouco pode resistir sem luta, uma luta na qual ele pode e deve acreditar graças à fidelidade ao Senhor que o preserva do mal, que libertou o homem por meio de sua entrega em favor dele, por meio do banho do Batismo, que purifica da má consciência. (...). Apesar desta imensa realidade do mal, não existem razões para o pessimismo e a resignação, porque Deus faz com que o sol brilhe sobre os maus e os bons (...)<sup>50</sup>.

Leomar Brustolin destaca o tema da tentação – “não nos deixeis cair em tentação” – associada ao mal na referida oração. Segundo ele, “será sempre um

<sup>49</sup> LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2004, p. 1080.

<sup>50</sup> Tradução livre do original em espanhol. BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard. *Dicionário exegetico do novo testamento*. Volume 2. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1998, p. 1079.

desafio ao ser humano escolher entre o bem e o mal”<sup>51</sup>. O autor aponta a continuação da prece, com o trecho “mas livrai-nos do mal”:

Pede-se ajuda para não cair na tentação, mas pede-se que seja livrada a possibilidade de sofrer o mal que toda tentação proporciona. Os dois temas se interligam, pois o mal é o preço, o efeito e a consequência devidos ao que não resistiu às artimanhas do tentador. O verbo “livrar” exprime um ato externo: pede que Deus liberte. Na oração denota-se o quanto o mal sobrevém de forma surpreendente sobre o ser humano<sup>52</sup>.

Já na concepção de Philbert Avril (1983), quando pedimos a Deus, na referida oração, para não cairmos em tentação, “não lhe pedimos primeiramente para nos ajudar a não cometer faltas morais”. Para Avril, isso seria atribuir a nós, humanos, o que cabe somente à ordem da salvação. O verdadeiro pedido seria para que Deus não nos deixe sozinhos nos momentos mais difíceis de nossa vida, no sentido de evitar nossa possível revolta contra o Criador diante do sofrimento e do provável sentimento de abandono. E ele segue argumentando que:

Nada surpreendente, enfim, que a oração que contém todas as orações termine com a fórmula geral: “Livrai-nos do mal” (literalmente: Atraí-nos para vós, para longe do Maligno). Por este pedido, que (...) suplicamos ao Pai, fonte de toda a vida e de todo amor, que diminua em nós a influência difusa daquele que a Bíblia chama de Satanás. Pedimos a Deus que despiste suas ilusões, tanto mais fascinantes quanto mais alimentadas por nossa convivência secreta, tanto mais perniciosas quanto mais interiorizadas e confundidas com imagens de felicidade<sup>53</sup>.

### **3.2 Paulo e a Carta aos Romanos: o mal como o pecado.**

O Apóstolo Paulo, na Carta aos Romanos (7, 19-20), afirma: “Não faço o bem que quereria, mas o mal que não quero. Ora, se faço o que não quero, já não sou eu que faço, mas sim o pecado que em mim habita”.

Aqui novamente é utilizado no original o termo grego “kakós” ao se referir à prática do mal que não se quer fazer. Segundo Balz e Schneider (1996), quase

<sup>51</sup> BRUSTOLIN, Leomar Antônio. *A serpente intrusa: uma leitura sobre o enigma do mal*. In: *O Mistério do Mal*. Caxias do Sul: EDUCS, 2006, p. 129.

<sup>52</sup> BRUSTOLIN, Leomar Antônio. *A serpente intrusa: uma leitura sobre o enigma do mal*. In: *O Mistério do Mal*. Caxias do Sul: EDUCS, 2006, p. 129.

<sup>53</sup> AVRIL, Philbert. *Livrai-nos do mal*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 42.

a metade dos aproximadamente 50 lugares em que a palavra aparece no Novo Testamento, pode ser encontrada nas Cartas Paulinas, especialmente em Romanos, onde aparece 15 vezes. No trecho citado acima, o termo *kakós* é de máxima importância teológica, conforme defendem Balz e Schneider: “Segundo Paulo, a origem do mal é o pecado, enquanto poder histórico e cósmico. Mas o pecado é provocado pela lei”<sup>54</sup>.

Segundo Lacoste (2004), “ao recorrer-se ao conceito de pecado, reconhece-se que o mal é inerente à própria ação má e não é imputável a condições ou circunstâncias”. E esclarece:

O NT não é favorável a uma hostilidade ascética aos atos da vida física – comer, beber, ter relações sexuais, etc. – pois isso seria hostil à criação (1 Tm 3,3s, p. ex.). Quando fala da carne para designar a tendência do agente moral ao mal, o NT não pensa no corpo enquanto tal, mas numa disposição psicológica (...), em que se é dominado por necessidades materiais que impedem o agir livremente<sup>55</sup>.

Ao mencionar a mesma passagem, Philbert Avril (1981) argumenta que “não compreendemos o que somos, porque não fazemos o que queremos; esgotados por raciocínios sem fim, nos tornamos presa das trevas”<sup>56</sup>. E ele continua, ao tratar do pecado original:

Faltando um pecado emboscado no fundo de nosso coração que nos incite a agir de modo diferente do que desejaríamos, nos tornamos, com efeito, totalmente criminosos. (...) O “pecado original” nos coloca diante da verdade da nossa imperfeição. Desvendado pelo autor do Gênesis e por Paulo à luz da salvação de Deus, ele é apresentado atrás da falha da liberdade, como a possibilidade de uma desgraça já presente, virtualmente presente antes mesmo de acontecer<sup>57</sup>.

### **3.3 O problema do mal em Santo Agostinho – o mal moral e a contradição com Deus**

Quando falamos de mal, o que mais nos intriga é a busca da origem do mal, ou seja, sua causa, sua motivação. Em Filosofia, em Teologia e segundo a

<sup>54</sup> Tradução livre do original em espanhol. BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard. *Dicionário exegético do novo testamento*. Volume 1. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1996, p. 2161.

<sup>55</sup> LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2004, p. 1079.

<sup>56</sup> AVRIL, Philbert. *Livrai-nos do mal*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 5.

<sup>57</sup> AVRIL, Philbert. *Livrai-nos do mal*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 142.

doutrina da Igreja Católica assumimos a concepção de mal defendida por Santo Agostinho que atribui a causa de praticarmos o mal ao livre-arbítrio que nos foi concedido por Deus, em um ato generoso de amor e justiça. Ou seja, a causa de cometermos e de, conseqüentemente, sofrermos o mal, advém do reto juízo de Deus. As pessoas podem fazer o mal e o bem. E só podem ser responsabilizadas se a escolha por seus atos for feita de modo livre e consciente. A dignidade do ser humano estaria justamente nas possibilidades de acertar diante das decisões. O próprio Santo Agostinho sofria com estes questionamentos:

Mas de novo refletia: “Quem me criou? Não foi o meu Deus, que é bom, e é também a mesma bondade? Donde me veio, então, o querer eu o mal e não querer o bem? Seria para que houvesse motivo de eu justamente ser castigado? Quem colocou em mim e quem semeou em mim este viveiro de amarguras, sendo eu inteira criação do meu Deus tão amoroso? Se foi o demônio quem me criou, donde é que veio ele? E se, por uma decisão de sua vontade perversa, se transformou de anjo bom em demônio, qual é a origem daquela vontade má com que se mudou em diabo, tendo sido criado anjo perfeito por um Criador tão bom?”<sup>58</sup>

Na referida obra, Agostinho esclarece que a substância de Deus é incorruptível, inalterável. O mal seria a corrupção, que, conseqüentemente, não pode atingir a Deus. Tudo o que Deus deseja é bom e Ele é o próprio bem. “Estar sujeito à corrupção não é um bem”, ele argumenta. Em Deus, a vontade não é maior do que o poder.

O mesmo sofrimento de quem tem fé, mas busca compreender racionalmente a origem do mal é compartilhado pelo santo. Será que tentar entender a causa do mal é cometer um mal? E foi nesse sentido que Santo Agostinho chegou à conclusão de que o mal é a ausência do ser ou de perfeição:

Assim, a vossa criatura finita, supunha-a eu cheia de Vós que sois o infinito. Dizia: “Eis Deus e eis o que Deus criou! Deus é bom e, por conseguinte, criou boas coisas. E eis como Ele as rodeia e as enche! Onde está, portanto, o mal? Donde e por onde conseguiu penetrar? Qual é a sua raiz e a sua semente? Porventura não existe nenhuma? Por que recear muito, então, o que não existe? E se é em vão que tememos, o próprio medo indubitavelmente é o mal que nos tortura e inutilmente nos oprime o coração. Esse mal é tanto mais compressivo quanto é certo que não existe o que tememos, e nem por isso deixamos

---

<sup>58</sup> AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 151.

de temer. Por consequência, ou existe o mal que tememos ou esse temor é o mal<sup>59</sup>.

No entanto, apesar dos questionamentos, Agostinho traz o consolo ao coração dos teólogos pesquisadores: “Contudo, o meu espírito não abandonava a fé, antes cada vez mais se abraçava a ela”<sup>60</sup>.

E aqui recorro as palavras de Luiz Carlos Susin, que caracteriza o mal como um “escândalo incontornável” para a fé que ousa ter a coragem de perguntar sobre ele. Para Susin, “o mistério do mal é a maior prova à fé e a mais maciça lógica para o cinismo e para o ateísmo”<sup>61</sup>.

Retomando Santo Agostinho, em suas *Confissões*, ele ressalta a perfeição das criaturas divinas. E considera que todas as coisas que se corrompem são boas. Se não fossem boas, não poderiam se corromper e se fossem absolutamente boas, seriam incorruptíveis. Assim, se não tivessem nenhum bem, nada haveria nelas que se corrompesse, considerando a corrupção como algo sempre nocivo.

Para Aurélio Agostinho, todas as coisas que se corrompem são privadas de algum bem. Se fossem privadas de todo bem, deixariam de existir. Logo, enquanto existem, são boas. Por isso, ele chega à conclusão de que o mal não é uma substância, pois se o fosse, seria um bem. De tal modo, não existe substância que Deus não tenha criado. Tudo o que criou (substância) é bom.

Para tentar resolver o enigma, Santo Agostinho faz a seguinte reflexão:

Em absoluto, o mal não existe nem para Vós nem para Vossas criaturas, pois nenhuma coisa há fora de Vós que se revolte ou que desmanche a ordem que lhe estabelecesteis. Mas porque, em algumas de suas partes certos elementos não se harmonizam com os outros, são considerados maus. Mas estes coadunam-se com outros e por isso são bons (*no conjunto*) e bons em si mesmos. Todos estes elementos que não concordam mutuamente, concordam na parte inferior da

<sup>59</sup> AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 153.

<sup>60</sup> AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 154.

<sup>61</sup> SUSIN, Luiz Carlos. *Lúcifer e a Besta: a sacralidade do mal*. In: *O Mistério do Mal*. Caxias do Sul: EDUCS, 2006, p. 45.

criação a que chamamos terra cujo céu acastelado de nuvens e batido pelos ventos quadra bem com ela<sup>62</sup>.

E para fechar, nosso Santo reconhece que os elementos superiores são incontestavelmente mais perfeitos que os inferiores e que “a criação em conjunto valia mais que os elementos superiores tomados isoladamente”.

Em resumo, Santo Agostinho percebe que procurou o que era maldade, mas não encontrou substância. Ao contrário, deparou-se com uma “perversão da vontade desviada da substância suprema [Deus], tendendo para as coisas baixas”<sup>63</sup>.

Assim, podemos afirmar que a bondade de Deus é tão grande que ele permite até que o ser humano rejeite sua criação.

No entanto, vale ressaltar a reflexão de Luiz Carlos Susin (2003), segundo o qual

A doutrina do pecado original, ao longo da história do cristianismo, tornou-se uma nova esfinge, tão desafiadora como o próprio mal. Ao contrário de Paulo, que está convicto de que “onde abundou o pecado, superabundou a graça” (cf. Gl 3,19; Rm 5, 20-21), Agostinho termina seus dias sobrecarregado de pessimismo – a graça é para poucos, enquanto muitos se perdem, revelando a misericórdia, mas, sobretudo, a justiça divina”<sup>64</sup>.

### **3.4 O mal que se historiciza: o diabólico dentro da história da Teologia.**

Iniciamos este subcapítulo com a abordagem do mal a partir da concepção de Reinhold Aloysio Ullmann, autor da obra “O mal”. O livro traz uma definição e uma divisão do conceito de mal. Começa abordando a perspectiva essencialista (o mal como algo não positivo, mas que é propriedade dos entes) e o aspecto existencial (o mal sentido dolorosamente). Em seguida, traz a visão dos escolásticos e do período da Idade Média sobre o tema, resumindo no

<sup>62</sup> AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 164.

<sup>63</sup> AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 167.

<sup>64</sup> SUSIN, Luiz Carlos. *A criação de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 125.

consenso de que o mal consiste “na ausência de uma perfeição que deveria estar presente na natureza, em determinado ser, ou faculdade de um ser”<sup>65</sup>.

Ainda dentro das tentativas de concepção do mal, Reinhold Ullmann busca definições do que seria seu oposto, ou seja, o bem. E, a partir disso, trata da questão do desejo humano como anterior ao bem e como um efeito do bem.

A partir disso, o autor traz a tríplice divisão de mal proposta por Leibniz, que, segundo ele, “já faz parte do patrimônio filosófico ocidental”: o mal físico, o mal moral e o mal metafísico. Em resumo: o primeiro, o mal físico, é a ausência de algo que seja da integralidade e da normalidade do homem, seja no âmbito físico (um olho, uma perna) ou no âmbito psicológico (solidão, angústia, decepção). Neste ponto, o mal é visto como um castigo. O segundo, o mal moral, é o desvio voluntário e racional da norma da moralidade. E o terceiro, o mal metafísico, remete à finitude e a limitação da criatura, graças a sua imperfeição original, que a torna sujeita ao erro.

No entanto, para Ullmann, a tríplice divisão de Leibniz tem um ponto fraco: nela não aparece o sofrimento de inocentes, causado por fenômenos da natureza ou por falta de compromisso moral de políticos e governantes.

Então, o autor apresenta uma quarta figura do mal, a partir da concepção de Plotino, para quem “a matéria é o mal absoluto”. E aqui, ele deixa claro que o conceito de matéria do filósofo em questão é o “não ser, a treva, a ausência de luz”.

O tópico seguinte trata das explicações sobre a origem do mal. O autor traz à tona as teorias do voluntarismo divino, defendidas por Occam, Descartes e Amor Ruibal, para quem os preceitos vigentes da moral poderiam ser mudados pela vontade divina. E aqui Ullmann provoca: “se valesse o voluntarismo divino para estabelecer o que é bom e o que é mau, onde ficaria a santidade de Deus?”. Em contraposição, ele destaca o positivismo humano, para o qual a decisão

---

<sup>65</sup> ULLMANN. Reinhold Aloisio. *O mal*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 15.

humana é que diferencia o bem e o mal. Dentre os representantes desta linha de pensamento, Reinholdo cita Aristipo de Cirene, Teodoro Cirenense, Hobbes e Durkheim. Em seguida, trata da doutrina do dualismo entre um espírito do bem e um espírito do mal como tentativa de explicar o mal no mundo. Depois, fala do maniqueísmo e da batalha entre os reinos do Bem e do Mal, sendo que a matéria seria essencialmente má. Traz também uma palavra sobre a visão de Platão e Aristóteles sobre o mal, igualmente na linha dualista.

Ullmann fala sobre os problemas da visão dualista, em especial a contradição em função do fato de que o mal não existe independentemente; ele “só existe como parasita do ser”.

E então traz como oposição ao dualismo a doutrina dos panteístas, segundo a qual o mal não existe, ou seja, é uma ilusão. Para Ullmann, “o dualismo peca por excesso e o monismo [panteísta] por defeito”.

Em seguida, o autor aborda o mal sob a ótica judaico-cristã, segundo a qual ele é resultado da autonomia das criaturas. “Ou seja, o mal surgiu, historicamente, pelo pecado original”, pois não foi criado junto com o mundo. E aqui ele traz a distinção entre pecado e sofrimento como duas formas de mal, a partir da concepção de Santo Agostinho, que trata da questão do livre-arbítrio. Ullmann traz as visões de Pelágio e Boécio, para afirmar que somos limitados em nossa compreensão humana para diferenciar ordem e desordem. “O sofrimento pode ter função catártica”, sentencia. E concluiu com um salto no tempo ao citar Hegel e sua concepção de mal como algo necessário para a realização da história.

O terceiro tópico trata do tema da teodiceia, ou seja, como existe o mal no mundo criado por Deus, que é bom? Segundo o autor, uma possível explicação seria que o mundo, como criação de Deus, é perfectível, mas não perfeito, pois não é obra acabada, mas em constante evolução. Assim, haveriam “causas segundas” agindo, provocando uma “permanente crise de crescimento, a qual faz parte da natureza”.

Reinholdo trata também da relação entre o mal e as virtudes, ou seja, “sem enfermidades, necessidades materiais e miséria, não haveria a compaixão, a solidariedade, a coragem, o ânimo constante de prestar auxílio”. No entanto, faz um alerta aqui para a possibilidade dos males provocarem a ira contra Deus e o desejo de querer se colocar no lugar de Deus, citando Feuerbach, Sartre e Nietzsche.

Ele trata igualmente do mal e da esperança de recompensa, ou seja, de que o sofrimento das pessoas seria um meio para a recompensa de Deus neste mundo ou depois da morte. Para Ullmann, trata-se de uma utopia e de um masoquismo doentio, que não responde aos anseios do homem prático e racionalista de nossos dias, que busca por “soluções concretas e imediatas para seus problemas”. E aqui ele faz um alerta para que não se caia no ateísmo emocional diante da não-resposta de Deus a um sofrimento injustificado.

Neste mesmo ponto, R. Ullmann fala sobre o mal moral que não pode ser instrumentalizado. No entanto, reconhece que o homem pratica o mal moral racionalmente e livremente:

“Dizer que Deus é causa permitente do mal [...] não satisfaz o intelecto. É claro que Deus não pode querer o mal moral, porquanto seria conivente com ele. Muito menos pode querê-lo como meio para realização de qualquer valor que seja”<sup>66</sup>.

E, em seguida, o autor defende que Deus pode permitir o pecado, argumentando a partir da livre vontade humana, criada por Deus, o que torna o pecado *possível*, mas não obrigatório. Para Ullmann, “o pecado não faz parte integrante da vontade humana criada por Deus”. A vontade é livre para provocar ou não provocar uma ação. Em outras palavras: “a escolha do bem e do mal é somente do homem. Excluído fica Deus como cúmplice do mal”.

E traz a seguinte pergunta: por que Deus não criou homens incapazes de praticar o mal? Ele seria responsável pela existência do mal no mundo? E

---

<sup>66</sup> ULLMANN. Reinholdo Aloisio. O mal. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 31.

Ullmann logo responde que não, conduzindo a reflexão para o respeito de Deus diante da liberdade de sua criatura, o que é digno de louvor.

O autor faz uma aporia clássica atinente ao mal, em que cita Epicuro, o dilema de Bayle e Hans Jonas, tocando fortemente na questão da providência, da bondade, da onisciência e da onipotência divina.

Ele também pergunta sobre a possibilidade de Deus conhecer os futuros contingentes ou futuríveis, alegando que o conhecimento de Deus é intuitivo e não discursivo. “Ele conhece as criaturas em si mesmo, com ciência causal e eterna, porque as precontém”, explica.

Para ele, a tendência natural do homem nunca é para o mal. “É impossível à vontade humana querer o mal em si”, defende Ullmann, completando que o mal é buscado sob a aparência de bem. “O mal de si não existe. Se existe, é porque existe o bem”.

## CONCLUSÃO

As relações entre o cinema e a Teologia podem oferecer uma nova reflexão sobre o mistério do mal a partir da correspondência entre o mal da Bíblia e o mal do cinema.

Vimos no cinema de Lars von Trier uma dimensão do mal em que Deus não somente é apontado como responsável pela presença do mal no mundo, como Ele, em si, é mau. Já as Escrituras e os textos de orientação católica utilizados para a presente pesquisa oferecem a elegante resposta ao dilema apresentado na Teodicéia de que Deus é somente amor e bondade, ou seja, ele não criou o mal. Este, por sua vez, enquanto substância, nem existe.

Somente o bem pode ser radical. O mal tem a pretensão de totalidade, ou seja, o mal pretende ser o que é bom. O que fica para nós, enquanto cristãos, é a tentativa da luta permanente contra o mal e da busca por amor, justiça, misericórdia e solidariedade.

Só um Deus que nos ama sem limites e que, definitivamente, tem poder para livrar-nos do mal pode assegurar de verdade nossa esperança. Não obstante, então é preciso mostrar que, apesar de todas as aparências, a presença do mal no mundo não contradiz a fé nesse Deus<sup>67</sup>.

Aqui também podemos nos valer das palavras de Philbert Avril, que nos diz que não estamos perdidos:

É verdade que permanecemos em boa parte escravos de nós mesmos, e os sistemas sociais que criamos, reflexos imperfeitos de nossa natureza ambivalente, só servem frequentemente para agravar nossa situação. Mas a Bíblia confirma antes de tudo a intuição otimista da existência de um Deus bom. Se ela nos fala de nossos limites e de nosso sentimento de culpa, não é para nos encerrar num sofrimento indizível e incurável, mas pelo contrário para nos mostrar a saída deste caminho de morte. Finalmente, ela quer nos apresentar pacientemente a verdadeira face de Deus: (...) o Deus Pai dos profetas e do Evangelho, ocupado sem cessar em conquistar o homem, em lhe revelar seu amor mais inesgotável e mais incompreensível do que o de uma mãe (...). Podemos então dizer que toda a Bíblia se esforça por eliminar o grande mal-entendido segundo o qual Deus limitaria

---

<sup>67</sup> TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Esperança apesar do mal: a ressurreição como horizonte*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 125.

arbitrariamente nossa liberdade e nos impediria assim de viver em plenitude<sup>68</sup>.

Mais do que buscar resposta para a origem ou para a presença do mal no mundo, nos resta perceber que o bem sempre prevalece e que devemos buscar sempre novas formas de combater o mal, anunciando a alegria, a bondade e o amor da boa-nova cristã. Afinal, como nos lembra Luiz Carlos Susin (2003), “na contemplação cristã do sofrimento e abandono de Jesus, revela-se o mistério maior de Deus frente a todo mistério do mal”<sup>69</sup>. E continua:

A Páscoa de Cristo revela que Deus continua do lado do inocente sofredor. No silêncio, Deus não apenas se solidariza, mas sofre “em sua pele”, identificado com os sofredores, a impotência e o absurdo. Deus submete-se ao abismo do sofrimento, ao mistério do mal. Submete-se como uma plataforma que acolhe o mistério do mal em seu mistério maior, sem utilizar o revide de vingança e de potência. (...) O mistério maior do amor de Deus, no silêncio junto ao sofrimento inocente, chama-se Compaixão, Piedade, Misericórdia, atributos centrais na experiência bíblica, da primeira à última página. Na revelação pedagógica de Deus, às vezes com face terrível e vingativa, triunfa a face com atributos da Misericórdia<sup>70</sup>.

As palavras de Susin são, de certa forma, reforçadas pelo cardeal Walter Kasper (2015), na recente obra *A Misericórdia. Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*:

Deus leva a cabo, desde o princípio mesmo da história, uma ação em contraciclo com o mal, a perdição. A compaixão divina é efetiva desde o princípio. A compaixão é o modo como Deus Se opõe e resiste ao mal, e Se faz porta-voz dela. E não o faz com força e violência. Não Se põe a atacar, sem mais; antes pelo contrário, movido pela sua compaixão, cria sem cessar novos espaços de vida e bênção para o ser humano<sup>71</sup>.

Em suma, é vã a tentativa de explicar o inexplicável. O mal permanece um mistério para a razão humana.

<sup>68</sup> AVRIL, Philbert. *Livrai-nos do mal*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 30.

<sup>69</sup> SUSIN, Luiz Carlos. *A criação de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 145.

<sup>70</sup> SUSIN, Luiz Carlos. *A criação de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 147.

<sup>71</sup> KASPER, Walter. *A Misericórdia. Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*. São Paulo: Loyola, 2015, p. 64.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1995.

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARIELO, Flávia. *Respeito e reverência diante do mal: o deus de Lars von Trier*. In: *Cinema e Transcendência. Um debate*. Revista IHU On-Line número 412, de 18-12-2012, disponível em [www.ihuonline.unisinos.br/index.php?secao=412](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?secao=412)

\_\_\_\_\_. *O Mal em Anticristo de Lars Von Trier: considerações sobre o mal, a teodiceia e o gnosticismo*. Dissertação de mestrado em Ciências da Religião, defendida na PUCSP, em 2013.

AVRIL, Philbert. *Livrai-nos do mal*. São Paulo: Paulinas, 1983.

BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard. *Dicionário exegético do novo testamento*. Volume 1. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1996.

\_\_\_\_\_. *Dicionário exegético do novo testamento*. Volume 2. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1998.

Bíblia Sagrada. Tradução do Pe. Antônio Pereira de Figueiredo. Erechim: Edelbra Editora, 1979.

BRUM, Eliane. *A boçalidade do mal. Guido Mantega e a autorização para deletar a diferença*. Artigo publicado no *El País Brasil*, de 02 de março de 2015.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio. *A serpente intrusa: uma leitura sobre o enigma do mal*. In: *O Mistério do Mal*. Caxias do Sul: EDUCS, 2006.

DANOWSKI, Deborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Cultura e Barbárie Editora, 2014.

EPICURO. Antologia de Textos. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Coleção “Os Pensadores”, vl. V, p. 28.

Constituição Gaudium et Spes. In Documentos do Concílio Vaticano II: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1966

Gênesis. Introdução e comentário por Rev. Derek Kidner, M.A. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1979.

JEREMIAS, Joachim. *Teología del Nuevo Testamento*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1974, vol. I

KASPER, Walter. *A Misericórdia. Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*. São Paulo: Loyola, 2015.

LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2004.

MURILO DIAS DA SILVA, Cássio; RABUSKE, Irineu. *Evangelhos e Atos dos Apóstolos. Novíssima tradução dos originais*. São Paulo: Loyola, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo – Ensaio de uma crítica do Cristianismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PONDÉ, Luiz Felipe Pondé. *Os infortúnios da melancolia*. Artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, em 08 de agosto de 2011.

RICOEUR, Paul. *O mal. Um desafio à filosofia e à teologia*. Campinas: Papyrus, 1988.

ROSENFELD, Denis. *Retratos do Mal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SANTOS, Joe Marçal Gonçalves dos. *Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski*. Artigo publicado nos *Cadernos Teologia Pública*, número 26. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos – IHU, 2006.

SUSIN, Luiz Carlos. *A criação de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003

\_\_\_\_\_. *Lúcifer e a Besta: a sacralidade do mal*. In: *O Mistério do Mal*. Caxias do Sul: EDUCS, 2006.

TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Esperança apesar do mal: a ressurreição como horizonte*. São Paulo: Paulinas, 2007.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *O mal*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

VADICO, Luiz. *A complexidade das relações entre cinema/religião e religião/cinema*. In: *Cinema e Transcendência. Um debate*. Revista IHU On-Line número 412, de 18-12-2012, disponível em [www.ihuonline.unisinos.br/index.php?secao=412](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?secao=412)

VIGANÒ, Dario. *Cinema e Chiesa. I documenti del Magistero*. Torino: Effatà Editrice, 2002.

ZILLES, Urbano. *Teologia da pregação*. Porto Alegre: Letra & Vida, 2013.